

ELEIÇÕES MUNICIPAIS 2016

Avaliação e Perspectivas – Coletânea impressões

Para debate em sala de aula

P.TIMM Org. – www.paulotimm.com.br

Essa lembrança que nos vem às vezes...

Essa lembrança...mas de onde? de quem?

*Essa lembrança talvez nem seja nossa,
mas de alguém que, pensando em nós, só possa
mandar um eco do seu pensamento
nessa mensagem pelos céus perdida..*

Mario Quintana – Poeta RS

“Se erros foram cometidos devem ser corrigidos e não mais repetidos”

(Senador Suplicy ao comentar sua eleição recente para a Câmara de Vereadores de S.Paulo; foi o mais votado com mais de 300 mil votos)

**[Informações sobre as Eleições 2016 para prefeito, vice-prefeito e ...
www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2016](http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2016)**

1.

**Informações sobre as Eleições 2016 para prefeito, vice-prefeito e vereador.
Informações para as Eleições Municipais de 2016. Aplicativos da Justiça Eleitoral.**

[Veja como foi a eleição de 2012](#)

ELEIÇÕES 2016 HÁ 2 DIAS – G1

<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2016/>

Resultado da apuração do 1º turno das Eleições 2016

Acompanhe todos os detalhes da apuração do 1º turno das Eleições 2016 e saiba em primeira mão os resultados das disputas a prefeito e vereadores de cada cidade do Brasil

INTRODUÇÃO

AS ESTRUTURAS NÃO DESCEM ÀS RUAS

Paulo Timm – www.paulotimm.com.br -04 outubro

“Se erros foram cometidos devem ser corrigidos e não mais repetidos”

(Ex-senador E. Suplicy, ao comentar sua eleição recente para a Câmara de Vereadores de S.Paulo; foi o mais votado com mais de 300 mil votos)

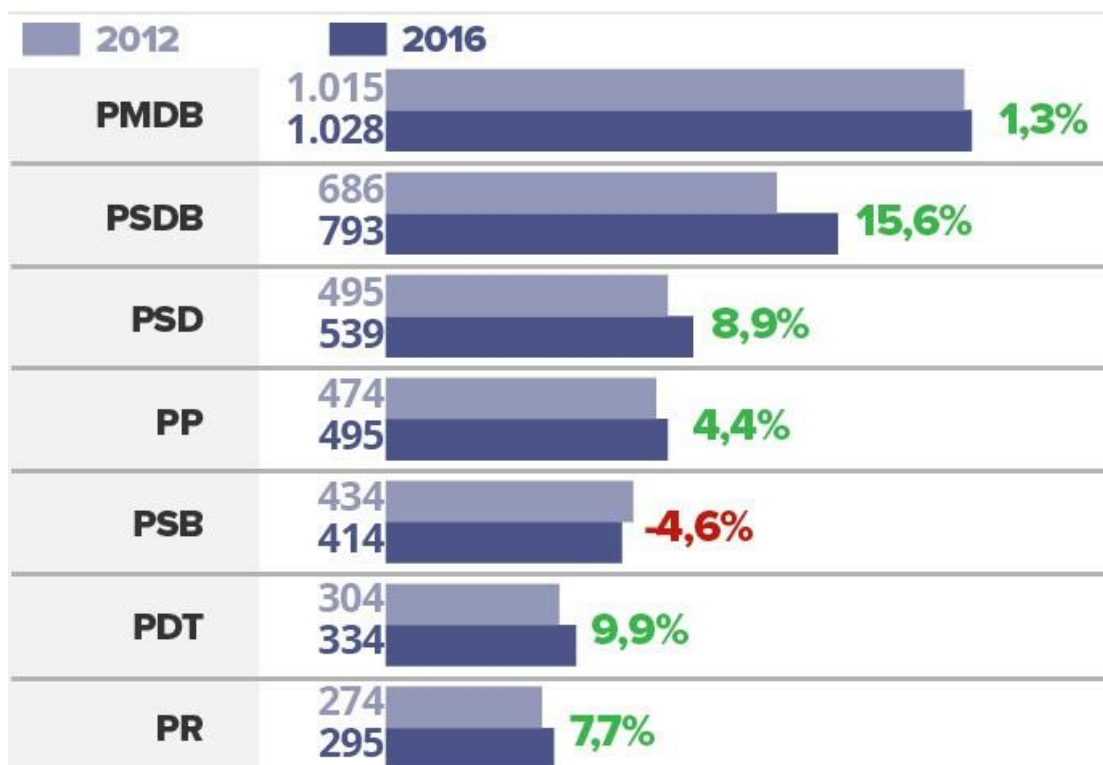
1. Encerrado o primeiro turno das Eleições 2016 três observações se impõem preliminarmente: Primeira, o grande vencedor deste pleito foi a rejeição de 40 milhões de eleitores, entre Abstenções + Nulos + Votos em Branco, ao que aí está, o que é um nítido alerta para a urgência de Reforma Política e Eleitoral; segunda observação : O PT levou uma surra, talvez mais por rejeição às suas práticas do que pela “revogada liberal”, tanto nas capitais como no Nordeste, devendo alertá-lo para uma renovação no discurso de suas lideranças no sentido de avaliar as razões internas para este refluxo e não apenas acusações a terceiros; terceira: o sistema pluripartidário, tão criticado por dificultar a governabilidade, está consagrado no país.

2. Quanto à derrocada do PT, fato mais marcante do pleito de 2016, não se deve falar nem em alvorada de um novo tempo, nem crepúsculo da sigla. Nem invenção , nem reinvenção. Apenas percalços. Internamente, será muito difícil este Partido mudar sua dinâmica interna, com a acirrada disputa de correntes, algumas delas francamente *principistas* quanto ao caráter de “classe” do

Partido, voltado ao cumprimento de missão messiânica, e quanto à sua vocação para a construção do “socialismo”. Externamente, no contexto político nacional, o PT, apesar de ter perdido milhões de eleitores e metade das prefeituras que ocupou em 2012, continuará a ser um grande partido. PMDB e PT, aliás, continuarão a ser os dois maiores Partidos no país - e por longo tempo. Quase “irreversíveis”. Se organizaram, ao longo do tempo, no vasto território nacional e detêm, ambos, importantes canais de controle do processo eleitoral. Voto não é apenas um apertar solitário de botão na calada da urna. É uma “rede”, sempre mais ou menos aprisionada à “interesses”. Não é fácil montar e manter isso. Fica aqui a lembrança para que se assista com atenção duas séries no NETFLIX: “Marselha” e “Rede de Cartas”. Tratam do assunto.

Desempenho dos partidos nas prefeituras

PMDB conquistou maior número; PT encolheu

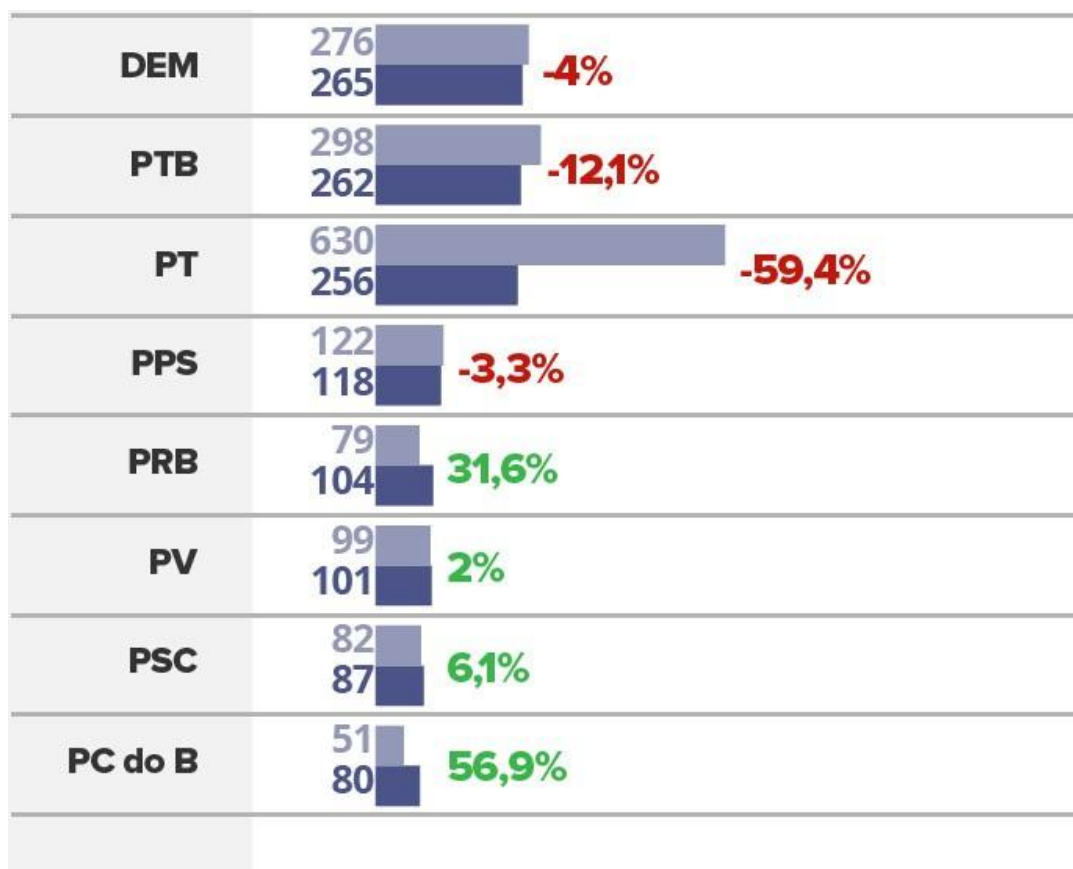


3. Quanto aos outros Partidos, o PSDB, segundo em votos e controle de Prefeituras, mas “terceiro” na hierarquia simbólica, até pelo peso de seus grandes nomes, dentre eles o ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso, a dupla José Serra/Aécio Neves, ambos ex candidatos à Presidência da República com 50 milhões

de votos, e agora o Governador de São Paulo, já está com maior número de eleitores, mas ainda não conseguiu se organizar nacionalmente. O PSOL, em contrapartida, surpresa da vez, pela vitória relativa do deputado Freixo, que disputará, com desvantagem, com Marcelo Crivella o segundo turno na cidade do Rio, ainda é um fenômeno urbano, tipo PODEMOS na Espanha. Deverá até se consolidar como uma alternativa de esquerda mais consistente e sem os pecados do PT, mas, tendo saído de seu ventre, padece de vícios semelhantes, como a disputa interna marcada pela intolerância doutrinária, pela qual perdeu até ex candidata à Presidência em 2010, Heloísa Helena. Mas o PSOL não tem uma liderança popular de massas, não tem visão para a construção de um Projeto Nacional, não tem articulação com movimentos sociais e sindicatos, não tem envergadura no país para ocupar o vazio deixado pelo PT. Pior: terá, no máximo, duas Prefeituras...

5. Uma característica pouco notada destas Eleições Municipais 2016 foi a consagração de um conjunto de partidos com forte expressão eleitoral, além dos tradicionais PMDB – PT – PSDB, que dominam há mais de três décadas a vida pública do país.. Ela é o resultado de duas medidas: a flexibilização para a fundação e funcionamento dos Partidos, sem qualquer cláusula de restrição, e do apoio financeiro do Governo, através, não só do generoso Fundo Partidário, cujo Orçamento já beira o R\$ 1 bilhão, mas também ao subsídio que dá às emissoras de rádio e TV para custear a propaganda eleitoral obrigatória. O PSD, o PDT, o PSB, o PR, o DEM, e o PTB controlarão entre 200 e 400 municipalidades cada um. Outro grupo menor, o PPS, PRB, PV, PSD e PCdoB, em torno de 100. Ora, isso revela uma diversificação partidária muito grande que está combinando opções de caráter ideológico com alternativas de interesses até pessoais. Debita-se à essa diversificação permissiva a ingovernabilidade do país e que agora estará se deslocando para “Prefeituras de Coalização”, agravando o loteamento de cargos e do Estado. Talvez. Mas há que se considerar, também, que este processo é uma porta à abertura de lideranças que, de outra forma, seriam sufocadas pelas oligarquias que dominam os partidos mais antigos e mais fortes. Nesse sentido,

ainda que paradoxalmente, a diversificação partidária é uma válvula à democratização da vida pública e, por vias tortas, um dos mecanismo de reforma política no país.



6. É possível se falar em retrocesso da esquerda, à vista do fracasso do PT, nessas eleições, como consequência de uma onda conservadora que varre a América Latina? Depende do que se entende como “esquerda”, tal como o PT a empolgou. Certamente, os brasileiros disseram um rotundo “Não” ao discurso do “Nós contra Eles” do PT que acompanhou a estigmatização da classe média, tão cara ao empreendedorismo, à meritocracia e aos valores republicanos. Contudo, várias pesquisas continuam afirmando que os brasileiros almejam um modelo político-econômico com economia de mercado e forte intervenção do Estado como instrumento de regulação, promoção da cidadania e defesa dos mais vulneráveis, justamente o que os petistas diziam defender. Daí, aliás, os cuidados do Presidente Temer quanto às “Reformas” inseridas no seu “Ponte para o Futuro”, tão proclamadas, mas em

rigoroso ponto morto. Não há clima na nação, nem no Congresso Nacional, para aventuras liberalizantes, ao gosto do novo PSDB de João Doria, Prefeito eleito de São Paulo. Sua vitória acachapante na quase totalidade das zonas eleitorais da cidade, se, por um lado consagra a tendência politicamente mais conservadora desta capital frente ao Rio, Porto Alegre e Recife, históricos redutos da esquerda, por outro, sugere a incapacidade do Prefeito Haddad para se firmar na periferia, com seus projetos urbanisticamente avançados. O espaço aberto foi ocupado pela astúcia tucana. E falando nos redutos históricos da esquerda, veja-se: o Rio, mantém sua tradição rebelde, ao levar Freixo para o segundo turno, Recife sustentou o próprio PT no segundo turno e vai disputar com outro candidato de esquerda e apenas em Porto Alegre e outras cidades de maior porte do cenário rio-grandense, percebe-se, mesmo um retrocesso da esquerda. Isso me lembra uma velha queixa dos maragatos, que combatiam em armas os chimangos, arautos da esquerda no Estado do RS, instalados no Palácio Piratini entre 1889 até 1930, inicialmente pela mão de ferro de Júlio de Castilhos, depois de Borges de Medeiros, depois Getúlio Vargas: “Não é por acaso que eles são autoritários...” Lembre-se, entretanto, voltando à cena nacional, que o PCdoB, aliado incondicional do PT, passou de 51 para 80 prefeituras, o PDT, outro aliado, embora mais vacilante, cresceu de 330 para 334, o PSB fez 414, as quais, somadas as 256 vitórias do PT perfazem 1/5 do total das municipalidades do país. O que não é pouco. Não carece de se falar em grande retrocesso da esquerda no país. Além dos resultados eleitorais, aí estão, os movimentos sociais em inédito protagonismo, principalmente jovens estudantes. Estamos, sim, diante de uma nova realidade na esquerda brasileira diante da perda de hegemonia do PT e emergência de novos protagonismos aos quais deverá se articular, de uma ou outra maneira o PPS, em nova rota, a REDE de Marina Silva, embora em declínio, e o próprio PV, sempre cioso de sua maior independência. Isso sem falar na esquerda peemedebista, à la Requião no Paraná.

Conclusão.

Passada a "tempestade" destas eleições - surpreendentes em todo sentido - , do impacto do Impeachment de Dilma, da LAVAJATO, que daqui a pouco serena seu ímpeto deixando uma sequência de sentenciados em suas poltronas sob o controle de meras tornezeleiras eletrônicas, da brutal recessão econômica que o PT ainda se recusa a admitir e de admitir sua parcela de responsabilidade, voltaremos às "estruturas", marcadas pela presença, à esquerda, pelo PT e movimentos sociais e oxalá, novos agentes, ao centro pelo PMDB, suas prefeituras e amplas classes médias ao longo do país e , à direita, pelo PSDB, apoiado pela grande mídia e grandes fortunas. Elas, as "estruturas", aliás, como diziam os estruturalistas teóricos em maio de 68, na Paris convulsionada, "não descem às ruas". Mas estão lá... E se não aprenderem a conviver com um mínimo de civilidade republicana, não construiremos a democracia. Com a recuperação do bom senso, daqui a pouco estaremos, todos, discutindo a sucessão presidencial de 2018.

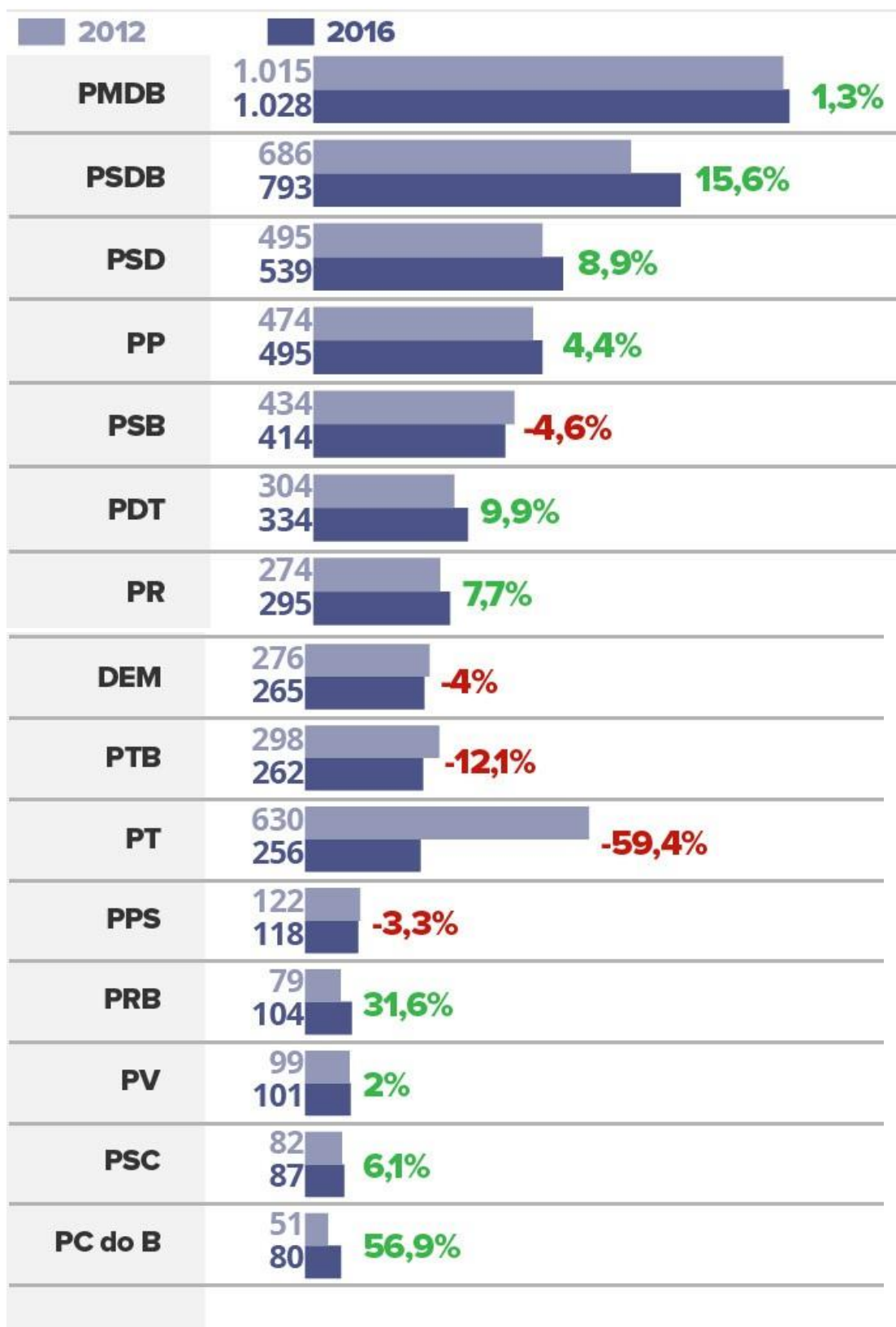
PSDB e PSD crescem em nº de prefeituras; PT encolhe

Domingo, 02/10/2016, às 23:44, por [Equipe de dados](#)

<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2016/blog/eleicao-2016-em-numeros/post/psdb-e-psd-crescem-em-n-de-prefeituras-pt-encolhe.html>

Desempenho dos partidos nas prefeituras

PMDB conquistou maior número; PT encolheu



SD	62		
PROS	53		
PHS	16 36		125%
PSL	23 30		30,4%
PTN	12 30		150%
PMN	42 28		-33,3%
PRP	23 19		-17,4%
PT do B	25 15		-40%
PTC	19 15		-21,1%
PEN	14		
PRTB	16 10		-37,5%
PSDC	10 9		-10%
REDE	5		
PPL	11 4		-63,6%
PMB	3		
PSOL	1 2		100%

FONTE: TSE



Infográfico elaborado em: 3/10/2016

Por Rosanne D'Agostino

Com quase a totalidade dos votos apurados neste domingo (2), o PMDB continua o partido que mais elegeu prefeitos neste ano. O PSDB e o PSD cresceram e o PT encolheu no primeiro turno das eleições municipais de 2016 --perdeu mais da metade das prefeituras em quatro anos, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Nas capitais, o PSDB foi o que mais elegeu prefeitos no primeiro turno --João Doria, em São Paulo, e Firmino Filho, em Teresina-- e é o que vai disputar mais prefeituras no segundo turno: oito ao todo. O PMDB é o segundo com mais disputas no segundo turno: 6.

Desgastado pela Operação Lava Jato e após o impeachment de Dilma Rousseff, o PT elegeu apenas um prefeito em capital: Marcus Alexandre, em Rio Branco. Em 2012, foram quatro. O partido só vai disputar uma prefeitura em capitais no segundo turno.

Esse panorama dificilmente deve mudar no país no segundo turno, que ocorrerá em 55 cidades neste ano. O PSDB está em 19 disputas à prefeitura. Em seguida aparecem o PMDB, com 14, PSB, com 9, PDT, com 8 e PPS, PSD e PT, com sete cada.

Se consideradas apenas as maiores cidades com país, com mais de 200 mil habitantes, o PSDB lidera com 14 prefeitos eleitos, contra 7 do PMDB e 3 do DEM. PP, PSD e PPS somaram dois cada. O PT, que elegeu apenas um prefeito em cidades grandes, havia eleito nove em 2012.

Em municípios do interior, o PMDB também lidera, seguido pelo PSDB, PSD e PSB. O PSDB avançou em comparação com 2012 nessas cidades, passando de 685 para 791 prefeitos eleitos. O PT, que tinha eleito 629 prefeitos naquele ano, passou a 255.

Resultado das eleições municipais 2016

Veja como contamos a jornada do primeiro turno das eleições 2016

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/02/politica/1475414322_809429.html

São Paulo 3 OUT 2016 - 16:57 BRT - [EL PAÍS](#)



Resultado eleições 2016 O candidato do PSDB, João Doria, vota em São Paulo. NELSON ANTOINE AP QUALITY

Nas [eleições 2016](#) a cidade de São Paulo teve um número maior de pessoas que não compareceram às urnas ou anularam seu voto comparado à [eleição municipal](#) passada. Neste domingo, foram registrados 367.471 votos brancos, 788.379 nulos e 1.940.454

abstenções. Somados, esses votos perdidos chegaram a 3.096.304 votos ou 34,84% do colégio eleitoral. O resultado é maior do que teve o tucano [João Doria](#) (3.085.187 votos), eleito prefeito de São Paulo. Em 2012, a soma de brancos, nulos e abstenções chegou a 2.490.513 votos, ou 28% do colégio eleitoral.

Dos 20 prefeitos de capitais que concorreram à reeleição neste domingo, 75% venceram a disputa no primeiro turno ou passaram para o segundo. Sete venceram neste domingo e oito disputarão o segundo turno no dia 30 de outubro.

No Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, apesar de não estarem na disputa, os atuais prefeitos Eduardo Paes (PMDB) e Márcio Lacerda (PSB), tiveram derrotas políticas, uma vez que seus candidatos não venceram nem foram para o segundo turno. No Rio, [Marcelo Crivella \(PRB\)](#) e [Marcelo Freixo \(PSOL\)](#) seguem na disputa. Na capital mineira, o segundo turno será entre João Leite (PSDB) e Alexandre Kalil (PHS).

Veja como contamos a jornada do primeiro turno e o resultado das [eleições 2016](#):



FOTOGALERIA[Eleições](#)

2016: as imagens do 1º turno pelo Brasil



- Eleições consolidam
ascensão de PSDB e PMDB e declínio do PT
- Vencedores das eleições 2016 e quem disputa o segundo turno nas
capitais
- Quem ganha e quem perde nas eleições 2016: o novo xadrez
político que sai das urnas

Eleições consolidam ascensão de PSDB e PMDB e declínio do PT

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/03/politica/1475463938_956082.html?rel=mas

**Os cinco principais partidos que deram suporte ao
impeachment de Dilma já colhem frutos**

AFONSO BENITES

Brasília 3 OUT 2016 - 16:59 BRT – EL PAÍS



O candidato tucano em Porto Alegre, Nelson Marchezan Júnior. QUALITY

MAIS INFORMAÇÕES

- O telhado de vidro dos candidatos a prefeito de São Paulo
- Marta Suplicy, lembrada por legado social e assombrada por elo com Temer
 - Luiza Erundina, a idade e legenda nanica contra a candidata
- Russomanno, o defensor do consumidor que não cumpriu o que prometeu
- Fernando Haddad, o prefeito 'pouco petista' que sofre com o antipetismo
- Base de Temer deve se fortalecer nas eleições enquanto PT perde espaço

A derrota do PT nestas [eleições municipais](#) já era esperada. Os petistas governam atualmente 15 das 92 maiores cidades brasileiras, que representam quase 40% do eleitorado. Podem chegar a no máximo oito no dia 30 de outubro, quando ocorre o segundo turno. Após o pleito deste domingo, a principal constatação é que o vácuo de poder deixado por quem administrou o Governo Federal por quase 14 anos renderá frutos aos maiores artífices do [impeachment de Dilma Rousseff](#), o PSDB e o PMDB.

Os tucanos levaram 12 prefeituras no primeiro turno, inclusive a joia da coroa, [São Paulo com João Doria](#), e outra capital estadual, Teresina, com Firmino Filho. Ainda disputam outras 19 prefeituras no segundo turno e podem se consolidar como o maior beneficiário

desse momento político, com 31 executivos municipais. Já o PMDB levou sete na primeira etapa, sendo uma capital (Boa Vista, com Teresa Surita), e ainda tem chance em outras quinze.

Porto Alegre é o principal exemplo de como o cenário está desfavorável aos partidos ditos de esquerda e que o vento está a favor dessas duas legendas. A disputa na capital gaúcha será entre Nelson Marchezzan Júnior (PSDB), que surpreendeu ao liderar a corrida sem que nenhuma pesquisa eleitoral tivesse filtrado isso, e Sebastião Mello (PMDB). Raul Pont (PT) e Luciana Genro (PSOL), ficaram distantes da vaga na segunda etapa.

Ao mesmo tempo em que a urna agora tem reforçado esse papel de liderança de tucanos e peemedebistas, ela já antecipa o que se pode esperar para a eleição presidencial de 2018. Considerada como uma disputa com menor importância, a escolha de prefeitos e vereadores reflete diretamente no número da bancada federal de cada legenda. Analistas afirmam que, quando um partido elege vários prefeitos, ele tem boas chances de aumentar seu número de parlamentares no Congresso Nacional e, consecutivamente, ampliar os recursos disponíveis no fundo partidário, sua exposição e as chances de governar o país ou se aliar com quem o fará.

Disputa interna na base

A briga por espaço entre os dois principais aliados de Michel Temer já pode começar antes mesmo de 2018. Em seu primeiro escalão, há ao menos um tucano que sonha em disputar a presidência, o senador [José Serra](#), que hoje é ministro das Relações Exteriores. Assim, o prazo de validade de Serra na função, caso ele não migre para o PMDB, pode ser encurtado.

Outra constatação ao analisar os 92 maiores eleitorados brasileiros – exclui-se Brasília porque nela não há disputa municipal – é que o PSD, o PSB e o PPS, outras duas legendas que interferiram na

destituição de Rousseff também estão colhendo os louros nessa disputa. As três juntas hoje administram 19 municípios. No primeiro turno, já levaram seis e podem chegar a 29. Depois deste domingo, ainda há 55 cadeiras de prefeito sob disputa.

O número pode crescer, já que até o fim de semana, o Tribunal Superior Eleitoral havia registrado 71 impugnações de candidaturas apenas para prefeituras. Ou seja, algumas votações poderão ser revistas e resultados finais podem ser alterados. Um dos casos ocorre em Montes Claros, Minas Gerais. O prefeito Ruy Muniz (PSB), que teve sua prisão decretada, não desistiu de concorrer, mas como sua candidatura estava impugnada, todos os votos dados a ele foram considerados nulos. Se nos próximos dias o TSE revisar essa impugnação a cidade, que teoricamente deu a vitória a Humberto Souto (PPS) poderá enfrentar um segundo turno ou ter o próprio Muniz como prefeito reeleito.

A derrocada petista também resultou na perda de espaço para quem esteve ao seu lado até os últimos dias em que governou o país. O PCdoB, que hoje administra três das 92 maiores cidades do país, pode chegar a no máximo duas. O PDT vai ficar estancado, hoje tem nove prefeituras e se ganhar todas as que ainda disputa, pode no máximo empatar esse número. Em Brasília, já há quem diga que quando os petistas decidirem se reinventar (se é que farão isso realmente), terão de descobrir uma fórmula semelhante para os demais.

OS 55 MUNICÍPIOS QUE TERÃO SEGUNDO TURNO

Cidade	Estado	Vencedor 1º turno	do	Partido	Vice no 1ºPartido turno
Anápolis	GO	João Gomes	PT	Roberto Orion	doPTB

Aracaju	SE	Edvaldo Nogueira	PCdoB	Valadares Filho	PSB
Bauru	SP	Gazzetta	PSD	Raul	PV
Belém	PA	Zenaldo Coutinho	PSDB	Edmilson	PSOL
Belo Horizonte	MG	João Leite	PSDB	Kalil	PHS
Blumenau	SC	Napoleão Bernardes	PSDB	Jean Kuhlmann	PSD
Campo Grande	MS	Marquinhos Trad	PSD	Rose Modesto	PSDB
Canoas	RS	Beth Colombo	PRB	Busato	PTB
Cariacica	ES	Marcelo Santos	PMDB	Juninho	PPS
Caruaru	PE	Tony Gel	PMDB	Raquel Lyra	PSDB
Caucaia	CE	Naumi Amorim	PMB	Eduardo Pessoa	PSDB
Caxias do Sul	RS	Edson Nespolo	PDT	Daniel Guerra	PRB
Contagem	MG	Carlin Moura	PCdoB	Alex Freitas	dePSDB
Cuiabá	MT	Emanuel Pinheiro	PMDB	Wilson Santos	PSDB
Curitiba	PR	Rafael Greca	PMN	Ney Leprevost	PSD
Diadema	SP	Lauro Michels	PV	Vaguinho	PRB
Duque Caxias	deRJ	Washington Reis	PMDB	Dica	PTN
Florianópolis	SC	Gean Loureiro	PMDB	Angela Amin	PP
Fortaleza	CE	Roberto	PDT	Capitão	PR

		Cláudio		Wagner	
Franca	SP	Sidnei Rocha	PSDB	Gilson Souza	deDEM
Goiânia	GO	Iris Rezende	PMDB	Vanderlan	PSB
Guarujá	SP	Haifa Madi	PPS	Valter Suman	PSB
Guarulhos	SP	Guti	PSB	Eli Correa	DEM
Jaboatão dos Guararapes	PE	Anderson Ferreira	PR	Neco	PDT
Joinville	SC	Udo Dohler	PMDB	Darci Matos	dePSD
Juiz de Fora	MG	Bruno Siqueira	PMDB	Margarida Salomão	PT
Jundiaí	SP	Luiz Fernando Machado	PSDB	Pedro Bigardi	PSD
Macapá	AP	Clécio	REDE	Gilvam Borges	PMDB
Maceió	AL	Rui Palmeira	PSDB	Cicero Almeida	PMDB
Manaus	AM	Artur Virgílio	PSDB	Marcelo Ramos	PR
Maringá	PR	Silvio Barros	PP	Ulisses Maia	PDT
Mauá	SP	Atila Jacomussi	PSB	Donisete Braga	PT
Niterói	RJ	Rodrigo Neves	PV	Felipe	PSB
Olinda	PE	Antonio Campos	PSB	Prof Lupercio	SD
Osasco	SP	Rogério Lins	PTN	Jorge Lapas	PDT

Petrópolis	RJ	Bernardo Rossi	PMDB	Rubens Bontempo	PSB
Ponta Grossa	Paraná	Marcelo Rangel	PPS	Aliel Machado	REDE
Porto Alegre	RS	Nelson Marchezzan Jr	PSDB	Sebastião Melo	PMDB
Porto Velho	RO	Dr Hildon	PSDB	Léo Moraes	PTB
Recife	PE	Geraldo Julio	PSB	João Paulo	PT
Ribeirão Preto	SP	Duarte Nogueira	PSDB	Ricardo Silva	PDT
Rio de Janeiro	RJ	Crivella	PRB	Freixo	PSOL
Santa Maria	RS	Valdeci Oliveira	PT	Pozzobom	PSDB
Santo André	SP	Paulo Serra	PSDB	Carlos Grana	PT
São Bernardo do Campo	SP	Orlando Morando	PSDB	Alex Manente	PPS
São Gonçalo	RJ	José Luiz Nanci	PPS	Dejorge Patricio	PRB
São Luís	MA	Edivaldo Holanda	PDT	Eduardo Braide	PMN
Serra	ES	Sergio Vidigal	PDT	Audifax	REDE
Sorocaba	SP	Crespo	DEM	Raul Marcelo	PSOL
Suzano	SP	Rodrigo Ashiuchi	PRB	Lacerda	PTB
Taubaté	SP	Pollyana Gama	PPS	Saud	PMDB
Vila Velha	ES	Max Filho	PSDB	Neucimar Fraga	PSD
Vitória	ES	Luciano Rezende	PPS	Amaro Neto	SD

Vitória	daBA	Herzem	PMDB	Zé RaimundoPT
Conquista		Gusmão		
Volta Redonda	RJ	Baltazar	PRB	Samuca PV
				Silva

Quem ganha e quem perde nas eleições 2016: o novo xadrez político que sai das urnas

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/03/politica/1475454241_265333.html?rel=mas

Eleições marcam a queda do PT e vitória do PSDB de Geraldo Alckmin

[Gil Alessi](#)

São Paulo [3 OUT 2016 - 20:48 CEST- EL PAÍS](#)

O PT sentiu nas urnas a rejeição do eleitor no primeiro pleito municipal desde o [impeachment de Dilma Rousseff \(PT\)](#) e do início da [Operação Lava Jato](#). Além de uma [derrota histórica do prefeito Fernando Haddad](#) no primeiro turno das [eleições 2016](#) em São Paulo, a legenda teve péssimo desempenho nas capitais do país. Nem mesmo no Nordeste, onde havia a expectativa de que o partido tivesse melhor desempenho e onde o ex-presidente Lula se empenhou pessoalmente subindo no palanque de correligionários, os números favoreceram o PT. A única vitória do partido em capitais foi Rio Branco, onde o prefeito Marcus Alexandre foi reeleito com mais de 54% dos votos em primeiro turno. Já o PSDB do governador [Geraldo Alckmin](#) conseguiu umas das vitórias mais acachapantes do pleito, cacifando o tucano a tentar alçar voo mais

alto em 2018. Veja quem saiu ganhando e quem perdeu após o primeiro turno destas eleições.



Geraldo Alckmin (à esq.) e João Doria. N. Antoine AP

MAIS INFORMAÇÕES

- [Os cariocas levam Crivella e Freixo ao segundo turno](#)
- [Resultado das eleições municipais 2016 nas capitais](#)
- [O primeiro turno das eleições municipais 2016 em imagens](#)

Xeque-mate de Alckmin em São Paulo

A vitória de [João Doria](#) no primeiro turno em São Paulo é uma vitória indelével de Geraldo Alckmin. Desde o início da pré-campanha o governador se empenhou para emplacar o empresário como candidato tucano na disputa. A persistência do governador custou caro para o partido, que rachou no processo de prévias e viu alguns de seus quadros históricos, como [Andrea Matarazzo](#), abandonarem a legenda. Mas o resultado nas urnas – Doria foi o primeiro candidato eleito em primeiro turno na cidade desde 1988 –

cacifa Alckmin como um dos caciques mais poderosos do PSDB, e o possível nome do partido para disputar o Planalto em 2018. Em seu discurso de vitória, o prefeito eleito de São Paulo afirmou que "se [Alckmin] for candidato à Presidência da República, terá o apoio da população brasileira", vislumbrando um novo xadrez político. O PSDB se fortalece também no Brasil com a vitória em primeiro turno em 12 prefeituras entre as 92 maiores cidades do país, e disputando o segundo turno em outras 19.

PT naufraga inclusive no Nordeste, reduto de Lula

Além da derrota humilhante em São Paulo, o PT sofreu duros golpes também no Nordeste, onde [historicamente o partido costuma ter bons resultados](#). Em [Fortaleza](#), por exemplo, a ex-prefeita petista Luzianne Lins não conseguiu ir ao segundo turno, que será decidido entre Roberto Cláudio (PDT) e Capitão Wagner (PR). O ex-presidente Lula participou ativamente de sua campanha, indo a comícios da candidata e falando em seu programa na TV.

No Recife, o atual prefeito Geraldo Julio (PSB) quase leva a eleição no primeiro turno: ele teve pouco menos de 50% dos votos, ante 24% do ex-prefeito da cidade João Paulo (PT), outra aposta de Lula. Estes resultados mostram que o prestígio do maior líder petista está abalado até mesmo em seu reduto. Acossado pela Lava Jato ([o ex-presidente já é réu em dois processos](#)) e sofrendo forte desgaste político, [as pretensões políticas de Lula](#) de voltar ao Planalto pela terceira vez podem ser frustradas.

PMDB nacional ganha espaço

O partido do presidente [Michel Temer](#) faturou sete prefeituras dentre as 92 maiores cidades do país, e mais de 1000 no Brasil. Foi para o segundo turno em outras quinze grandes cidades. Junto com ele, legendas que estiveram na base de [Dilma Rousseff](#) e depois saíram para apoiar o seu impeachment se saíram bem no pleito deste domingo. É o caso do PSD e PSB. O primeiro venceu em 9 cidades no primeiro turno, sendo duas com mais de 200.000 habitantes, e os socialistas em 7 (2 com mais de 200.000 habitantes).

O PMDB de Eduardo Paes vira pó no Rio de Janeiro

O atual prefeito carioca, Eduardo Paes (PMDB) tinha tudo para conseguir emplacar um sucessor no Rio no pleito deste ano. Mesmo contando com a máquina eleitoral do partido, o maior tempo de campanha na TV, o sucesso da Olimpíada, o capital político do seu padrinho e de ter sido o candidato com mais doações do país (cerca de 7 milhões de reais), Pedro Paulo [naufraçou já no primeiro turno](#). Não resistiu aos ataques dos adversários que exploraram os episódios de violência doméstica que viveu com a sua ex-mulher, ainda a Justiça tenha arquivado o caso e que ela tenha vindo a público dizer que o perdoou.

PSOL avança no Rio de Janeiro e em Belém

O PSOL obteve dois bons resultados em capitais importantes do país, apesar de ter pouquíssimo tempo de na TV e no rádio. No Rio

de Janeiro o deputado estadual [Marcelo Freixo disputará o segundo turno](#) contra Marcelo Crivella (PRB). O parlamentar terá agora o desafio de enfrentar a máquina da Igreja Universal, ligado ao partido de seu adversário. Por outro lado, na reta final da eleição o tempo de propaganda dos candidatos é igual, o que pode favorecer Freixo.

Em Belém o deputado federal Edmilson (PSOL) decidirá o segundo turno contra Zenaldo Coutinho (PSDB). Em 2012 os dois também se enfrentaram na reta final, com vitória do tucano por 56,6% contra 43,4%.

Legendas nanicas e partidos do centrão conseguem bons resultados

A insatisfação do eleitor com os partidos e com o sistema político tradicional abriu espaço para que legendas nanicas e partidos do centrão – base de sustentação do deputado cassado [Eduardo Cunha](#) – ganhassem espaço. O caso mais emblemático é o de Rafael Greca em Curitiba. Derrotado nas últimas quatro eleições (ficou em quarto lugar em 2012) e sem espaço em seu antigo partido, o PMDB, ele migrou para o PMN e conseguiu avançar para o segundo turno com 38% dos votos.

Em Belo Horizonte outro partido nanico chegou ao segundo turno. Alexandre Kalil (PHS), ex-presidente do Clube Atlético Mineiro, recebeu 26% dos votos, e enfrentará o tucano João Leite, que teve

33%. O slogan do ex-cartola fez eco no descontentamento da população com o sistema político: “Chega de político!”.

Na capital maranhense Eduardo Braide (PMN) é outro candidato de partido nanico que avançou para a reta final do pleito com 21% dos votos.

O centrão está representado por Capitão Wagner (PR), que foi para o segundo turno em Fortaleza, Marcelo Ramos (PR) em Manaus, Kelps (SD) em Natal, Amaro Neto (SD) em Vitória, Luciano Cartaxo (PSD) em João Pessoa, Raul Filho (PR) em Palmas e Angela Amin (PP) em Florianópolis

Vencedores das eleições 2016 e quem disputa o segundo turno nas capitais

Veja aqui o resultado final nas 27 capitais do país. ACM Netto é reeleito em Salvador



Eleições 2016 ACM

Netto vota com as filhas. Divulgação/Facebook

[El País](#)

São Paulo [3 OUT 2016 - 16:58 BRT](#)

Confira os resultados das eleições 2016 e os vencedores em cada uma das capitais do Brasil:

São Paulo

- **[João Doria \(PSDB\), ELEITO](#)**
- Celso Russomanno (PRB)
- Fernando Haddad (PT)
- Luiza Erundina (PSOL)
- Marta Suplicy (PMDB)
- Ricardo Young (Rede)
- Levy Fidelix (PRTB)
- Major Olímpio (SDD)
- Altino (PSTU)
- João Bico (PSDC)
- Henrique Áreas (PCO)

Rio de Janeiro

- **Crivella (PRB) - disputa segundo turno**
- **Marcelo Freixo (PSOL) - disputa segundo turno**
- Carmen Migueles (PN)
- Jandira Feghali (PC do B)
- Pedro Paulo (PMDB)
- Flávio Bolsonaro (PSC)
- Osorio (PSDB)
- Alessandro Molon (Rede)

- Cyro Garcia (PSTU)
- Indio da Costa (PSD)
- Thelma Bastos (PCO)

Belo Horizonte

- **João Leite (PSDB) - disputa o segundo turno**
- **Kalil (PHS) - disputa o segundo turno**
- Délio Malheiros (PSD)
- Eros Biondini (PROS)
- Luis Tibe (PT do B)
- Marcelo Álvaro Antônio (PR)
- Maria da Consolação (PSOL)
- Reginaldo Lopes (PT)
- Rodrigo Pacheco (PMDB)
- Sargento Rodrigues (PDT)
- Vanessa Portugal (PSTU)

Curitiba

- **Rafael Greca (PMN) - disputa o segundo turno**
- **Ney Leprevost (PSD) - disputa o segundo turno**
- Xênia Mello (PSOL)
- Requião Filho (PMDB)
- Ademar Pereira (PROS)
- Gustavo Fruet (PDT)
- Maria Victoria (PP)
- Tadeu Veneri (PT)

Porto Alegre

- **Nelson Marchezan Junior (PSDB)** - disputa o segundo turno
- **Sebastião Melo (PMDB)** - disputa o segundo turno
- Raul Pont (PT)
- Luciana Genro (PSOL)
- Fávio Ostermann (PSL)
- Mauricio (PTB)
- Julio Flores (PSTU)
- João Rodrigues (PMN)
- Marcello Chiodo (PV)

Recife

- **Geraldo Julio (PSB)** - disputa segundo turno
- **João Paulo (PT)** - disputa segundo turno
- Carlos Augusto (PV)
- Daniel Coelho (PSDB)
- Edilson Silva (PSOL)
- Pantaleão (PCO)
- Priscila Krause (DEM)
- Simone Fontana (PSTU)

Salvador

- **[ACM Neto \(DEM\)](#), REELEITO**
- Claudio Silva (PP)
- Alice Portugal (PC do B)
- Fábio Nogueira (PSOL)

- Célia Sacramento (PPL)
- Da Luz (PRTB)
- Pastor Sargento Isidório (PDT)

Florianópolis

- **Gean Loureiro (PMDB) - disputa segundo turno**
- **Angela Amin (PP) - disputa segundo turno**
- Elson (PSOL)
- Maurício Leal (PEN)
- Angela (PC do B)
- Gabriela Santetti (PSTU)
- Murilo Flores (PSB)

Manaus

- **Artur Neto (PSDB) - disputa o segundo turno**
- **Marcelo Ramos (PR) - disputa o segundo turno**
- Henrique Oliveira (SD)
- Luiz Castro (Rede)
- Serafim Côrrea (PSB)
- José Ricardo (PT)
- Hissa Abrahão (PDT)
- Silas Câmara (PRB)
- Queiroz (PSOL)

Fortaleza

- **Roberto Claudio (PDT) - disputa segundo turno**

- **Capitão Wagner (PR) - disputa segundo turno**
- Ronaldo Martins (PRB)
- Heitor Férrer (PSB)
- João Alfredo (PSOL)
- Tin Gomes (PHS)
- Gonzaga (PSTU)

Rio Branco

- **Marcus Alexandre (PT), REELEITO**
- Eliane Shinasique (PMDB)
- Vaz (PR)
- Carlos Gomes (Rede)

Maceió

- **Rui Palmeira (PSDB) - disputa segundo turno**
- **Cicero Almeida (PMDB) - disputa segundo turno**
- Fernando do Village (PMN)
- Gustavo Pessoa (PSOL)
- JHC (PSB)
- Paulão (PT)
- Paulo Memória (PTC)

Macapá

- **Clécio (Rede) - disputa segundo turno**
- **Gilvam Borges (PMDB) - disputa segundo turno**
- Genival Cruz (PSTU)

- Aline (PRB)
- Dora Nascimento (PT)
- Promotor Moisés (PEN)
- Ruy Smith (PSB)

Vitória

- **Luciano (PPS) - disputa o segundo turno**
- **Amaro Neto (SD) - disputa o segundo turno**
- Lelo Coimbra (PMDB)
- Perly Cipriano (PT)
- André Moreira (PSOL)

Goiânia

- **Iris Rezende (PMDB) - disputa o segundo turno**
- **Vanderlam (PSB) - disputa o segundo turno**
- Delegado Waldir (PR)
- Adriana Accorsi (PT)
- Djalma Araújo (Rede)
- Flavio Sofiati (PSOL)
- Francisco Jr. (PSD)

São Luís

- **Edivaldo Holanda Júnior (PDT) - disputa segundo turno**
- **Eduardo Braide (PMN) - disputa segundo turno**
- Cláudia Durans (PSTU)
- Eliziane Gama (PPS)

- Fábio Câmara (PMDB)
- Rose Sales (PMB)
- Valdeny Barros (PSOL)
- Wellington do Curso (PP)
- Zeluis Lago (PPL)

Campo Grande

- **Marquinhos Trad (PSD) - disputa segundo turno**
- **Rose Modesto (PSDB) - disputa segundo turno**
- Adalton Garcia (PRTB)
- Athayde (PPS)
- Pedrossian Filho (PMB)
- Suél do PSTU (PSTU)
- Alcides Bernal (PP)
- Coronel David (PSC)
- Alex do PT (PT)
- Elizeu Amarilha (PSDC)
- Rosana Santos (PSOL)
- Arce (PCO)
- Aroldo Figueiró (PTN)
- Lauro Davi (PROS)
- Marcelo Bluma (PV)

Cuiabá

- **Emanuel Pinheiro (PMDB) - disputa segundo turno**
- **Wilson Santos (PSDB) - disputa segundo turno**

- Procurador Mauro (PSOL)
- Renato Santtana (Rede)
- Julier (PDT)
- Serys Slhessarenko (PRB)

Belém

- **Zenaldo Coutinho (PSDB) - disputa o segundo turno**
- **Edmilson (PSOL) - disputa o segundo turno**
- Cleber Rabelo (PSTU)
- Lelio Costa (PC do B)
- Éder Mauro (PSD)
- Professor Ivanildo (PRTB)
- Professor Maneschky (PMDB)
- Regina Barata (PT)
- Ursula Vidal (Rede)

João Pessoa

- **Luciano Cartaxo (PSD), REELEITO**
- Cida Ramos (PSB)
- Professor Charliton (PT)
- Victor Hugo (PSOL)

Teresina

- **Firmino Filho (PSDB), REELEITO**
- Everton Diego (PSOL)
- Amadeu Campos (PTB)

- Dr. Pessoa (PSD)
- Lourdes Melo (PCO)
- Luciane Santos (PSTU)
- Quemquem (PTB)

Natal

- **Carlos Eduardo (PDT), REELEITO**
- Fernando Mineiro (PT)
- Freitas Jr. (Rede)
- Kelps (SD)
- Marcia Maia (PSDB)
- Roberio Paulino (PSOL)
- Rosalia Fernandes (PSTU)

Porto Velho

- **Dr. Hildon (PSDB) - disputam segundo turno**
- **Léo Moraes (PTB) - disputam segundo turno**
- Dr. Ribamar Araújo (PR)
- Pimenta de Rondônia (PSOL)
- Dr. Mauro (PSB)
- Pimentel (PMDB)
- Roberto Sobrinho (PT)

Boa Vista

- **Teresa (PMDB), REELEITA**
- Abel Galinha (DEM)

- Alex Ladislau (PRP)
- Jefferson Alves (PDT)
- Kalil Coelho (PV)
- Luis Oca (PSOL)
- Marcio Junqueira (PROS)
- Roberto Ramos (PT)
- Sandro Baré (PP)

Aracaju

- **Edvaldo Nogueira (PC do B) - disputa segundo turno**
- **Valadares Filho (PSB) - disputa segundo turno**
- Dr. Emerson (Rede)
- Sonia Meire (PSOL)
- João Alves (DEM)
- João Tarantella (PMN)
- Vera Lúcia (PSTU)

Palmas

- **Amastha (PSB), REELEITO**
- Cláudia Lelis (PV)
- Raul Filho (PR)
- Sargento Aragão (PEN)
- Zé Roberto (PT)

ELEIÇÕES 2016 – Impressões

Renato Janine Ribeiro

Mais impressões.

Saiu que na semana passada se tentou um acordo PT-PSOL. São Paulo+Rio. O Psol apoiaria Haddad em SP, o PT apoiaria Freixo no Rio. Não rolou. Dizem que Ivan Valente foi um dos que mais se opuseram.

Os eleitores foram mais sábios do que os partidos. Afluíram nos dois casos para quem tinha mais chances. Os partidos de esquerda precisam se colocar à altura de seus eleitores. Parece que estes querem a união na luta. Quem quiser desunião e derrota não merece seus eleitores.

NÓS ERRAMOS:

frei Betto - 01/10/2016

[HTTPS://LEONARDOBOFF.WORDPRESS.COM/2016/10/01/NOS-ERRAMOS-FREI-BETTO/](https://leonardoboff.wordpress.com/2016/10/01/nos-erramos-frei-betto/)

Continuo a fazer coro com o “Fora Temer” e a denunciar, aqui na Europa, onde me encontro a trabalho, a usurpação do vice de Dilma como golpe parlamentar. Porém, as forças políticas progressistas, que deram vitória ao PT em quatro eleições presidenciais, devem fazer autocrítica.

Não resta dúvida, exceto para o segmento míope da oposição, que os 13 anos do governo do PT foram os melhores de nossa história republicana. Não para o FMI, que mereceu cartão vermelho; não para os grandes corruptores, atingidos pela autonomia do Ministério Público e da Polícia Federal; nem para os interesses dos EUA, afetados por uma política externa independente; nem para os que defendem o financiamento de campanhas eleitorais por empresas e bancos; nem para os invasores de terras indígenas e quilombolas.

Os últimos 13 anos foram melhores para 45 milhões de brasileiros que, beneficiados pelos programas sociais, saíram da miséria; para quem recebe salário mínimo, anualmente corrigido acima da inflação; para os que tiveram acesso à universidade, graças ao sistema de cotas, ao ProUni e ao Fies; para o mercado interno,

fortalecido pelo combate à inflação; para milhões de famílias beneficiadas pelo programas Luz para Todos e Minha Casa, Minha Vida; e para todos os pacientes atendidos pelo programa Mais Médicos.

No entanto, nós erramos. O golpe foi possível também devido aos nossos erros. Em 13 anos, não promovemos a alfabetização política da população. Não tratamos de organizar as bases populares. Não valorizamos os meios de comunicação que apoiavam o governo nem tomamos iniciativas eficazes para democratizar a mídia. Não adotamos uma política econômica voltada para o mercado interno.

Nos momentos de dificuldades, convocamos os incendiários para apagar o fogo, ou seja, economistas neoliberais que pensam pela cabeça dos rentistas. Não realizamos nenhuma reforma estrutural, como a agrária, a tributária e a previdenciária. Hoje, somos vítimas da omissão quanto à reforma política.

Em que baú envergonhado guardamos os autores que ensinam a analisar a realidade pela óptica libertadora dos oprimidos? Onde estão os núcleos de base, as comunidades populares, o senso crítico na arte e na fé?

Por que abandonamos as periferias; tratamos os movimentos sociais como menos importantes; e fechamos as escolas e os centros de formação de militantes?

Fomos contaminados pela direita. Aceitamos a adulação de seus empresários; usufruímos de suas mordomias; fizemos do poder um trampolim para a ascensão social.

Trocamos um projeto de Brasil por um projeto de poder. Ganhar eleições se tornou mais importante que promover mudanças através da mobilização dos movimentos sociais. Iludidos, acatamos uma concepção burguesa de Estado, como se ele não pudesse ser uma ferramenta em mãos das forças populares, e merecesse sempre ser aparelhado pela elite.

Agora chegou a fatura dos erros cometidos. Nas ruas do país, a reação ao golpe não teve força para evitá-lo.

Deixemos, porém, o pessimismo para dias melhores. É hora de fazer autocrítica na prática e organizar a esperança.

Frei Betto é escritor, autor do romance “Minas do ouro” (Rocco), entre outros livros.

Leia também de Frei Beto.

O PT poderá se reinventar por Frei Betto Em "Ética"

Como desmontar ódio social? Em "Ética"

A Presidenta Dilma iniciou o diálogo aberto Em "Ética"

Aos ELEITOS ...O poder muda a pessoa

____Raymundo _____ de _____ Lima _____
* Psicanalista e professor da UEM

O poder torna as pessoas estúpidas e muito poder, torna-as estupidíssimas. (R. Kurz)

O psicanalista J. Lacan [1], observou que a partir do momento em que alguém se vê "rei", ele muda sua personalidade. Um cidadão qualquer quando sobe ao poder [2], altera seu psiquismo. Seu olhar sobre os outros será diferente; admita ou não ele olhará "de cima" os seus "governados", os "comandados", os "coordenados", enfim, os demais.

Estar no poder, diz Lacan, "dá um sentido interiormente diferente às suas paixões, aos seus desígnios, à sua estupidez mesmo". Pelo simples fato de agora ser "rei", tudo deverá girar em função do que representa a realeza. Também os "comandados" são levados pelas circunstâncias a vê-lo como o "rei do pedaço".

La Boétie [3] parecia indignado em perceber o quanto o lugar simbólico de poder faz o populacho se oferecer a uma certa "servidão voluntária". Bourdieu chama-nos atenção para a força que o símbolo exerce sobre os indivíduos e grupos. Antes de ocupá-lo, o poder atrai e fascina; depois de ocupado tende a colar a alguns como se lhes fossem eterno. Aí está a diferença entre um Fidel Castro e um Nelson Mandela. O primeiro e a maioria dos ditadores

pretendem se eternizar no poder, o segundo, mais sábio, toma-o como transitório, evitando ser possuído pelo próprio. ("Possuído", sim, pois o poder tem algo de diabólico, que tenta, que corrompe, etc).

Uma vez no poder, o sujeito precisará de personas (máscaras) e molduras de sobrevivência. A persona serve para enganar a si e aos outros. A moldura, é algo necessário para delimitar simbolicamente a ação dele enquanto representante do poder. A ausência de moldura ou o seu mau uso fará irromper a força pulsional do sujeito que anseia por mais e mais poder, podendo vir a se tornar uma patologia psíquica. A história coleciona exemplos: Hitler, Stalin, Mobutu, Collor de Melo, Pol Pot, Idi Amim, etc.

No filme As loucuras do rei George III [4] , da Inglaterra, somos levados a perceber duas coisas: o quanto que as pessoas recusavam a idéia de um rei que perdeu a razão em função de uma doença e, que fazer para impedir alguém que representa o poder máximo de uma nação, devido a suas loucuras?

O poder faz fronteira com a loucura. Não é sem motivo que muitos loucos se julgam Napoleão ou o Rei Luis XV. Parece que há algo de "loucura narcísica" nas pessoas que anseiam chegar ao poder político (governante de uma cidade, estado ou país, ministro, membro do secretariado local), ou ao poder de uma instituição, empresa, departamento, pequeno setor de uma organização qualquer ou grupo qualquer. O narcisismo de quem ocupa o poder, revela-se na auto-admiração (o amor a si e aos seus feitos), na recusa em aceitar o que vem dos outros e no gozo que ele extrai do poder, que, levado ao extremo poderia revelar loucura. R. Kurz, é direto ao declarar que "o poder torna as pessoas estúpidas e muito poder, torna-as estupidíssimas".

O sociólogo M. Tragtenberg certa vez observou como muitos intelectuais discursam uma preocupação pelo "social", mas estão mesmo preocupados com a sua "razão do poder". Há uma espécie de "gozo louco" pelo poder, que faz subir a cabeça dos que estão jogando para ganhá-lo um dia.

Do ponto de vista psicológico, observa-se que o poder faz o ocupante perder a própria identidade pessoal e assumir outra, contornada pela "fôrma" do próprio poder. Os cargos executivos (presidente, governador, prefeito, diretor, reitor, etc), tem uma fôrma própria, um lugar que marca uma certa diferença em quem a ocupa

em relação aos cargos de segundo escalão (ministros, secretários disso e daquilo, chefes de gabinetes, assessores, etc). As "pequenas autoridades" dos escalões inferiores - mas com algum poder - costumam ter atitudes mais protofascistas que as grandes. São mais propensas a "vender sua alma ao diabo" que as grandes para estar no poder.

O psicólogo Ricardo Vieira, da UERJ, de quem me inspirei para continuar seu artigo, levanta os quatro primeiros indicadores de mudanças que ocorrem com as pessoas que chegam ao poder:

1) no modo de vestir: o terno, a gravata, o blazer e o *tailleur* que, antes eram utilizados em circunstâncias especiais, passam a ser usados cotidianamente, mesmo quando não é necessário utilizá-los. Alguns demonstram certo constrangimento em trocar a surrada camiseta e passar a usar um blazer ou uma camisa de linho, pelo menos nas ocasiões especiais. Se antes usava um cabelo comprido, despenteado, logo é orientado a cortá-lo, penteá-lo, dar um trato. Na última eleição para prefeito de Maringá, um candidato foi orientado pelo seu marketeiro para mudar o cabelo enrolado por um penteado de brilhantina. Perdeu a eleição.

2) mudam as relações pessoais: os antigos companheiros poderão ser substituídos por novos, que o leva a sentir-se menos ameaçado. O sentimento persecutório de "ser mal visto", precisa ser evitado a qualquer preço por quem ocupa o poder.

3) altera o tratamento com o outro, que torna-se autoritário com seus subordinados; gritos e ameaças passam a ser seu estilo. Certa vez, perguntaram a Maquiavel se era melhor ser amado que temido? O autor de *O príncipe* respondeu que "os dois mas se houver necessidade de escolha, é melhor ser temido do que amado".

4) mudam os antigos apoios e alianças. Aqueles que o apoiaram chegar ao poder, transformam-se em arquivos vivos dos seus defeitos. O poder leva a desidentificação com os antigos colegas de profissão. É o caso do presidente FHC e do seu Ministro da Educação Paulo Renato Souza, depois de executivos, ambos não se vêem mais professores.

5) Resistência em fazer auto-crítica. Antes, vivia criticando tudo que era governo ou tudo que constituía como efeito de governo. Mas, logo que passa a ocupar o poder, revela "sua outra face", não suportando a mínima crítica. O poder os torna cegos e surdos a

crítica. Uma pesquisa de Pedro Demo, da Universidade de Brasília, constata que os profissionais de academias apreciam criticar a tudo e a todos, mas são pouco eficazes na crítica para consigo mesmos. Enquanto só teorizavam, nada resolviam, mas quando passam a ocupar um cargo que exige ação prática, terá que testar a teoria; agora é que "a prática se torna o critério da verdade" [5] . Por falta de referencial e por excesso de idealismo, é freqüente ocorrerem bobagens e repetições dos antigos adversários, tais como: fazer aumentos abusivos de impostos, aplicar multas injustas, discursos cínicos para justificar um ato imoral de abuso de poder, etc. Há um provérbio oriental que diz: **"quem vence dragões, também vira dragão"**.

Os sujeitos quando no poder protegem-se da crítica reforçando pactos de auto-engano com seus colegas de partido. Reforçam a crença de que representam o Bem contra o Mal, recusam escutar o outro que lhe faz crítica e que poderia norteá-lo para corrigir seus erros e ajudar a superar suas contradições. Se entrincheirarem no grupo narcísico, o discurso político tornar-se-á dogmático, duro, tapado, e podemos até prever qual será o seu futuro se tomar o caminho de também eliminar os divergentes internos e fazer mais ações de governo contra o povo, "em nome do povo".

Infelizmente assim é o poder: seduz, corrompe, decepçiona e faz ponto cego e surdo nos seus ocupantes temporários.

A FARSA ELEITORAL

Publicado no blogmarinoboeira/- www.sul21.com.br

Marino Boeira - 54 96812060

Os resultados do primeiro turno das eleições municipais desse domingo, serviram para consolidar o processo golpista que teve seu ápice no processo de impeachment da Presidenta Dilma e representam o fim da tentativa de implantar no Brasil um modelo de uma verdadeira democracia representativa.

O que se projeta para o País nos próximos anos, é o fim dos partidos políticos com algum grau de representatividade e a instauração de um modelo baseado no atendimento dos interesses de uma elite econômica.

O que os militares não conseguiram em 21 anos de poder, a classe dominante brasileira conseguiu agora, ao manipular conjuntamente três poderosas instituições: o parlamento, o judiciário e a mídia.

Para o gaudio de uma população cada vez mais despolitizada, que foi ensinada a ver em cada partido uma organização criminosa, assistimos no último dia 2, a vitória de candidatos sem qualquer tipo de vinculação à uma ideia política e muito menos a um partido.

Mesmo os que apareceram amparados por uma legenda, representaram mais outros interesses do que o modelo clássico de organização partidária.

Veja-se o caso de João Dória, que conseguiu se eleger ainda no primeiro turno prefeito de São Paulo. Ainda que nominalmente candidato pelo PSDB e que diz se inspirar nos exemplos de Fernando Henrique, Serra e Alckmin, Dória construiu sua imagem à margem dos partidos. Ele sempre foi visto pelo público como apresentador de televisão, promotor de grandes eventos e escritor de livros de autoajuda, embora seja acima de tudo um empresário, presidente de um grande grupo empresarial, que carrega seu nome e que inclui entre suas empresas, a LIDE (Líderes empresariais), a versão moderna desses institutos voltados para a divulgação das pretensas vantagens do liberalismo.

No Rio de Janeiro, quem liderou a votação com grande vantagem no primeiro turno e decide no segundo com o candidato do PSOL, é Marcelo Crivella, bispo da Igreja Universal do Reino de Deus e cantor de música Gospel e candidato pelo desconhecido PRB – Partido Republicano Brasileiro.

Em Belo Horizonte, o segundo turno será disputado por Alexandre Kalil, ex-presidente do Atlético Mineiro, candidato de outro partido quase clandestino, PHS (Partido Humanista da Solidariedade) e João Leite (PSDB), que de 1976 a 1992 foi goleiro, também do Atlético, se notabilizando, não pela sua grande qualidade técnica, mas por ter o hábito de distribuir bíblias aos seus adversários antes dos jogos.

Porto Alegre, que no passado se orgulhava de ser uma das cidades mais politizadas do País, mas que há três eleições vem elegendo prefeitos conservadores, este ano se esmerou no seu deslizar para a direita, ao excluir as duas candidaturas de esquerda do segundo turno.

Vão disputar essa nova etapa, o atual vice-prefeito, Melo e um candidato nominalmente do PSDB, Marchezan, mas que se tornou o mais votado com um discurso sem qualquer compromisso político. Basta ver que, mesmo tendo quase 30% dos votos, seu partido

conseguiu eleger apenas um vereador. O PSOL, que recebeu 12% para Luciana Genro, elegeu três vereadores.

Para se chegar a esta situação, em que a população foi levada a desacreditar totalmente da possibilidade de se expressar suas reivindicações a partir de partidos políticos, se conjugaram uma série de interesses espúrios.

Primeiro a imensa fragmentação partidária, com 35 partidos registrados oficialmente; segundo, a transformação de seitas religiosas em partidos políticos e finalmente, a campanha sistemática da mídia no processo de destruição do PT, que há 20 anos vinha representando a única organização partidária com um projeto político progressista para o Brasil.

Some-se a isso, a ação parlamentar, comandada por Eduardo Cunha, que buscou reduzir ainda mais o acesso dos partidos aos programas eleitorais gratuitos. O fato do tempo da propaganda eleitoral na televisão ter sido encurtado em quase um mês e a divisão do tempo para cada partido privilegiar os com representação maior na Câmara, fez com que os partidos que tentaram preservar sua imagem, recusando-se a coligações incompatíveis com seus projetos, ficassem praticamente invisíveis na televisão.

Para completar esse quadro, uma intensa campanha mediática de descrédito da atividade partidária, gerou um retrato muito nítido de uma sociedade que se encaminha para um processo de fascistização, em que o embate político que caracteriza a democracia, é substituído pela imposição dos projetos políticos da elite dominante.

Nessa situação, a participação da oposição política nos próximos pleitos eleitorais, dentro das atuais regras, só servirá para dar a eles uma aparência democrática, que realmente não têm mais.

Isso vai significar, na prática, que as oposições ao atual regime, deverão orientar sua luta muito mais para a conquista de um apoio direto da população através dos movimentos sociais, do que da via parlamentar, como a única maneira de fazer frente à força avassaladora desse movimento de centro-direita que está ocupando todos os espaços públicos do Brasil.

NULO/BRANCO É UM DOS DOIS CANDIDATOS A PREFEITO MAIS VOTADOS EM 18 DOS 50 MAIORES MUNICÍPIOS DO PAÍS

<https://theintercept.com/2016/10/02/nulobranco-e-um-dos-dois-candidatos-a-prefeito-mais-votados-em-18-dos-50-maiores-municipios-do-pais/>

Andrew Fishman -

Oct. 3 2016, 12:13 a.m.

CANDIDATOS EM TODOS OS CANTOS do Brasil celebraram suas vitórias neste domingo, depois de ter gastado [R\\$ 2,131 bilhões](#) (oficialmente) para ganhar cargos que geralmente vem com [altos salários, pouco trabalho](#) e [quase sem fiscalização](#). Mas os resultados demonstram que grande parte da população não poderia se importar menos. Dos 50 municípios mais populosos do Brasil, o “Nulo/Branco” foi o “candidato” mais votado em cinco e o segundo mais votado em 13, segundo apuração dos [dados do Tribunal Superior Eleitoral](#) feita pelo *The Intercept Brasil*.

Pior, estes números não consideram abstenções. No Rio, por exemplo, houve 1.189.187 abstenções, enquanto o candidato mais votado, Marcelo Crivella (PRB), obteve apenas 842.201 votos. Em São Paulo, “abstenção/branco/nulo” foi mais popular que João Doria (PSDB), que ganhou no primeiro turno com mais de 3 milhões de votos.

“Nulo/branco” seria também o candidato mais bem votado em: São Gonçalo – RJ (16º mais populoso), Nova Iguaçu – RJ (24º), Osasco – SP (26º), Contagem – MG (31º) e Belford Roxo – RJ (43º).

Em Nova Iguaçu, o candidato mais votado, Rogério Lisboa (PR), foi julgado inelegível e em Belford Roxo, o segundo mais votado, Dr. Deodalto (DEM), [está inelegível](#). Os dois estão recorrendo na justiça.

☆ São Gonçalo RJ

686.207 ELEITORES

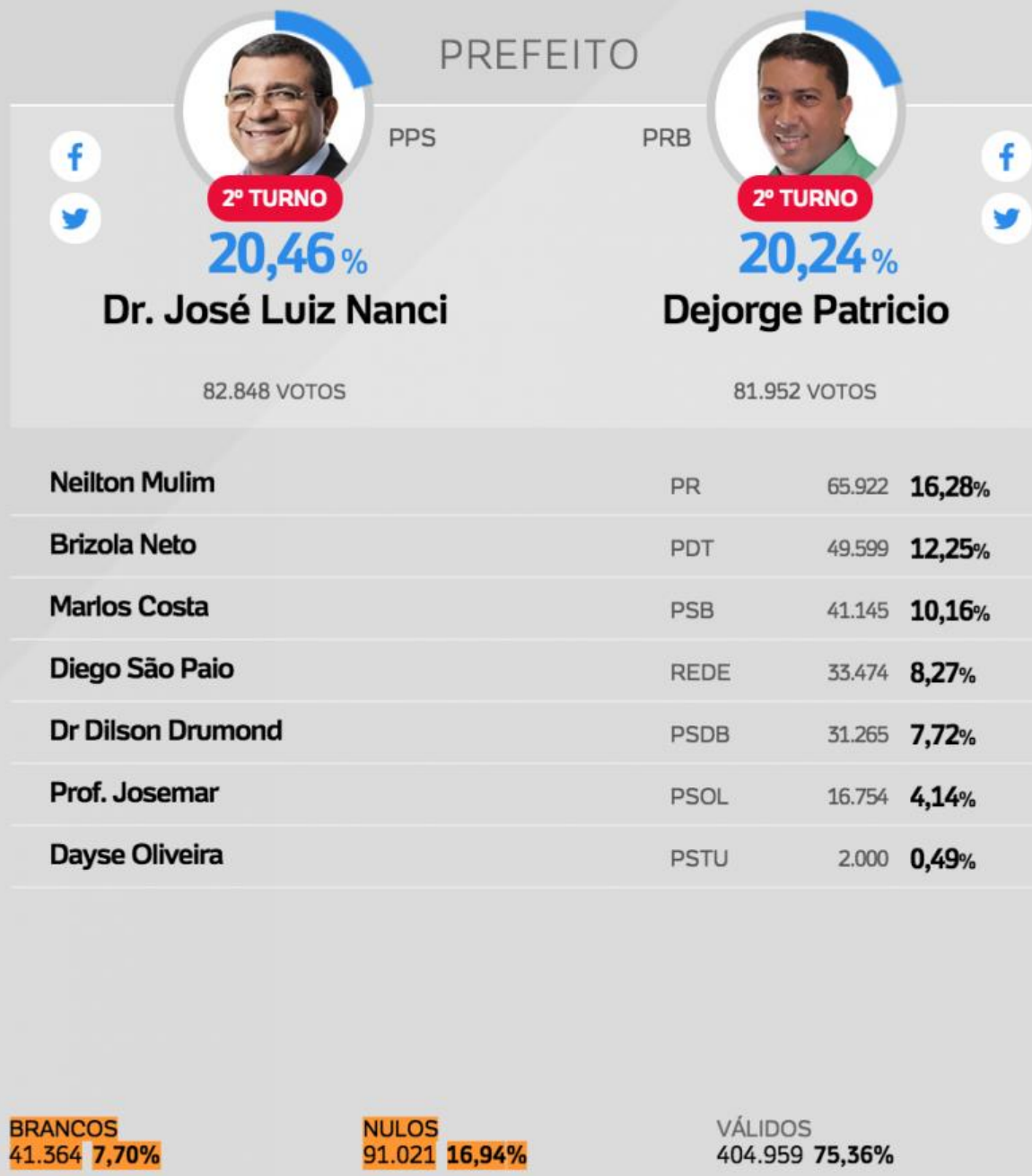


Imagem: UOL

Se fosse candidato, o “Nulo/branco” seria o segundo mais votado em: São Paulo – SP (1º), Rio de Janeiro – RJ (2º), Salvador – BA (4º), Belo Horizonte – MG (6º), Guarulhos – SP (13º), Campinas – SP (14º), Duque de Caxias – RJ (18º), Natal – RN (19º), São

Bernardo do Campo – SP (22º), Santo André – SP (25º), Ribeirão Preto – SP (31º), Niterói – RJ (42º) e São João de Meriti (50º).

A alta indiferença em relação a quem governa sua cidade é indicativo de uma crise de confiança com o sistema democrático brasileiro. Porquê votar se as estruturas políticas estão desenhadas para perpetuar a criminalidade e a corrupção? Porquê votar se suas opções mais viáveis são entre um “defensor da família” hipócrita e um corrupto do empresariado?

Isto não é novo. Estes resultados são parecidos com o de eleições anteriores.

Com algumas exceções, este domingo não foi uma grande celebração da democracia brasileira. Foi uma indicação de quanto trabalho ainda precisa ser feito para tirar do poder os [coronéis, milicianos e corruptos](#) que governam boa parte do país seguindo seus próprios interesses.

Este fenômeno não é explicitamente culpa do Cunha e Temer ou Dilma e Lula. Mas para segmentos da população cada um representa a personificação da desilusão “com tudo o que está aí”.

SEM LINCHAMENTOS – FBOOK 03 out

Cesar Benjamin

Há talvez dois anos fui convidado para participar de um debate sobre dívida pública em uma comissão do Congresso Nacional. Terminada a sessão, aproveitei para visitar alguns amigos que trabalhavam lá, com ou sem mandato. Entre eles, o senador Marcelo Crivella.

Quando entrei em seu gabinete ele estava no telefone. Quando me viu, fez um sinal para que me sentasse e ligou o viva-voz. Foi assim que pude participar, do meio para o fim, da conversa com outro amigo, que estava no Rio de Janeiro: Marcelo Freixo.

Eduardo Cunha, então presidente da Câmara, era o parlamentar mais poderoso do Congresso e estava impulsionando uma pauta muito ruim, que incluía a redução da maioria penal. Era esse o tema específico da conversa dos dois Marcelos, empenhados em barrar essa aberração. Junto com outros, tiveram êxito nisso. Sei

que colaboraram, um com o outro, diversas vezes, sempre em boas causas.

Agora estão em lados opostos na eleição para a Prefeitura do Rio de Janeiro. A luta política os separará. Freixo será o candidato das Organizações Globo, que odeiam Crivella, enquanto Crivella será o candidato dos Bolsonaro, que odeiam Freixo. Não sei até que ponto se deixarão capturar por esses aliados de ocasião, mas, de qualquer forma, é uma pena. Ambos são muito melhores que isso.

No meu mural, onde predominam amigos de esquerda, há um linchamento em curso contra Crivella, que perdeu até mesmo o direito mais básico, o de ser uma pessoa. É, apenas, “o bispo”. Em outros ambientes deve predominar o linchamento do Freixo, provavelmente “o comunista”.

Quem participa de um linchamento é movido por um sentimento irresistível de que só está fazendo justiça. Conforme a coisa avança, os ânimos se acirram. Quem intervém pedindo moderação e racionalidade termina linchado também. É o que está em curso comigo. Um amigo acaba de me fazer um desafio explícito em uma postagem, citando-me nominalmente: “No dia seguinte à sua [de Crivella] vitória, terá início um pogrom supremacista contra LBGTs e afro-religiosos.”

O texto dele, muito representativo de um estado de espírito que se generaliza, é um delírio de intolerância, escrito supostamente contra a intolerância.

Não contem comigo para participar de linchamentos. É isso.

ELEIÇÕES 2016- Impressões - -3 out

Renato Janine Ribeiro

Bem, vai lá uma pergunta bem difícil. Durante doze anos, os dois mandatos de Lula e Dilma 1, o PT fez uma série de políticas que beneficiaram - muito - os mais pobres. Mas bastou a grana faltar e os mais pobres se mandaram. Votaram em massa no Doria. Claro que podemos dizer que a mídia perversa, o preconceito etc etc.

O problema de dizer isso é que é muito condescendente, quase paternalismo: é dizer que os pobres são manipulados fácil fácil, que

precisam ser orientados.
(Tipo o Lula subir num caminhão e dar a volta na periferia avisando que Marta saiu do PT. Ora, os pobres não sabem disso? Precisa alguém dizer para eles?)
A outra interpretação é: eles realmente não estão ligando. Parou a grana, eles mudaram de lado. Esta interpretação tem uma vantagem: trata-os como adultos. Respeita o voto deles como uma decisão consciente. E pára de ter pena deles.

Para mim, é difícil escolher uma destas interpretações. Sei das deficiências enormes de formação - e educação - inclusive cultura política - de nosso povo. Mas não gosto de ter pena de gente maior, vacinada etc. Penso que têm que ter responsabilidade por suas escolhas.

Uma lembrança de meu pai. Em 1985 os funcionários mais pobres da firma em que ele era funcionário graduado o zoaram:
- Nós elegemos o Jânio, que era o candidato dos pobres, em vez dos candidatos dos ricos!
Meu pai não gostou, não respondeu. Nem fez nada contra eles, ele jamais faria isso.
Dois meses depois, Jânio começou o pacote de maldades contra os pobres.

Um deles veio ver meu pai, pedir que escrevesse uma carta aos jornais protestando contra uma medida de Jânio. (Naquela época, carta a jornais significava alguma coisa). Meu pai devolveu:
- Vocês não votaram nele? Não disseram que era o candidato dos pobres?

(E o curioso é que em 1989 rolou, de novo, essa de candidato dos pobres, que no caso seria Collor...)

ELEIÇÕES 2016

Marco Aurélio Nogueira

Com as eleições de ontem, 2/10/16, fechou-se um capítulo da história política brasileira.

Nele se entrelaçaram a redemocratização, a projeção da socialdemocracia e da esquerda, a reconfiguração da sociedade civil, a entrada da sociedade na turbulência da modernidade reflexiva e do capitalismo 2.0, a forte judicialização da política, a ascensão, a glória, o declínio e o sofrimento de um grande partido de massas, atingido no peito pelos danos colaterais de sua própria

práxis política, que levaram ao impeachment de um de seus presidentes, à prisão de vários de seus líderes, à rejeição social e, por fim, a uma avassaladora derrota eleitoral.

O principal problema é que o capítulo que se seguirá, a partir de agora, não se anuncia como de qualidade superior, não parece destinado a nos reservar grandes emoções e nem a ser protagonizado por figuras épicas ou empolgantes. O que vemos pela frente é um ambiente mais morno e errático, uma sociedade desorientada e excitada, uma trama em busca desesperada de personagens que façam a diferença, como num bom romance realista.

São 92 os municípios estratégicos para se avaliar o impacto das eleições: estão aí as 26 capitais e as cidades com mais de 200 mil eleitores. Elas concentram cerca de 40 milhões de eleitores. Nessas cidades, o PT foi praticamente expulso. Vendo o país no seu todo, o partido perdeu cerca de 400 das 630 cidades que conquistara nas eleições de 2012. Incluída aí a joia da coroa, São Paulo, é uma derrota dolorosa, que precisará de tempo para ser cauterizada e superada, sobretudo porque exigirá do partido derrotado muita energia e muita disposição para se renovar, o que, em política, é sempre algo muito difícil e espinhoso.

Temos muito o que pensar e analisar.



Coligação que apoiou Doria não elege maioria na Câmara de São Paulo

A taxa de renovação da Câmara de Vereadores de São Paulo após as eleições deste domingo (2) foi de 40%, índice igual ao das eleições em 2012....



Os escombros do PT, por Aldo Fornazieri

Os escombros do PT, por Aldo Fornazieri As eleições municipais reduziram o PT a pouco mais que escombros. Não faltaram advertências, principalmente a partir de 2013, de que o partido se encaminhava p

JORNALGGN.COM.BR

Os escombros do PT, por Aldo Fornazieri

ALDOFORNAZIERI

SEG, 03/10/2016 - 07:11



Os escombros do PT, por Aldo Fornazieri

As eleições municipais reduziram o PT a pouco mais que escombros. Não faltaram advertências, principalmente a partir de 2013, de que o partido se encaminhava para um desastre. As críticas foram colhidas pelos petistas de duas formas: o menosprezo arrogante por parte de quem detinha poder e direção e acusações por boa parte da militância que, também arrogante, classificava as críticas como PIG, moralistas, esquerdistas etc.

O poder fez muito mal ao PT: a estrutura partidária e dirigentes se corromperam, a militância se domesticou e os movimentos sociais que orbitavam em torno do PT começaram a orbitar em torno do Estado, sendo cooptados e perdendo a energia combativa na luta por direitos e justiça. O PT se transformou no partido dos palácios, dos gabinetes, do luxo e da arrogância. Ninguém promove tal movimento sem que desabe sobre ele, mais dia menos dia, o merecido castigo do povo.

O PT alimentou a mesma crença que as elites históricas conservadoras alimentaram desde os tempos coloniais no Brasil: a de que a sociedade pode ser moldada e transformada desde o alto, desde o Estado. Esta prática sempre engendrou dominação e não liberdade e cidadania. Enquanto esta crença permanecer vigente, o Brasil permanecerá eternamente deficiente em seu conteúdo nacional e popular e a sociedade carecerá de vínculos societários republicanos, orientados para o bem comum e para o interesse

público. Aqueles que chegam ao poder sempre se tornarão representantes de grupos e interesses particularistas, a se apossar do erário público em detrimento dos interesses de caráter universalizante. Será sempre o velho patrimonialismo vestido com roupas novas.

O PT se deixou abater pelo erro mais comezinho que as esquerdas vêm cometendo desde o século XX: a corrupção. A corrupção vem sendo, ao longo das décadas, a espada nas mãos da direita e da mídia para fazer rolar as cabeças da esquerda. Os eleitores mostram-se intolerantes à corrupção das esquerdas, pois, querem ver nelas uma reserva moral da sociedade, um exemplo da administração correta da coisa pública, um cimento de ética na sociedade. Quando as esquerdas se corrompem, os eleitores se sentem traídos.

Pouco a pouco, o PT foi caminhando para aquela condição mais indesejável da política: ser odiado. Isto já era visível nas eleições de 2014. De lá para cá, a imagem do partido foi se deteriorando, seja porque as denúncias se revelaram medonhas, seja porque os ataques dos seus inimigos foram devastadores sem que houvesse uma linha de resistência e de contraofensiva. Ao mesmo tempo em que se destruía, o partido se deixava destruir. A cada ataque, a direção partidária reagia com notas burocráticas e protocolares, foi perdendo credibilidade e deixou de ostentar virtudes e força moral capazes de mobilizar a militância. Como já se disse, a direção do PT tornou-se um comitê de generais de gabinete sem exército e a militância se tornou um exército sem generais.

“Ser odiado” é a condição absoluta que precisa ser evitada em política, ensina Maquiavel. Como partido antimaquiaveliano que é, o PT, ao passar da praça para os palácios deixou de olhar a realidade com os olhos da praça, deixou de se situar na planície e passou a olhar o povo com o ângulo de mirada dos palácios. Mas não sabia jogar o jogo dos palácios e passou a acreditar em aliados que eram e são gananciosos, simuladores e ambiciosos. Emprestaram prestígio aos petistas enquanto estes lhes eram úteis e os traíram sem cerimônia na consumação do golpe. Golpe que o próprio PT ajudou a construir seja pela sucessão de erros políticos, de incompetências, e seja pela própria falta de apoio à presidente Dilma em momentos delicados em que o governo caminhava para a deriva.

Pela condução desastrosa que o PT vem tendo nos últimos anos, a direção partidária deveria renunciar nos primeiros dias desta semana. Uma comissão provisória deveria ser constituída com a tarefa de convocar e conduzir um Congresso partidário antes do final do ano. Se nenhum aceno for feito neste sentido, a tendência maior é a de que o PT caminhe para uma divisão irreversível. Não é admissível que os condutores do desastre continuem comandar um partido que foi esperança do povo brasileiro e se afogou nos seus próprios erros. Não há, em torno da atual direção, capacidades políticas, morais e intelectuais que sejam capazes de tirar o partido da crise.

Que fazer?

Esta velha pergunta, que precisa ser recolocada, suscita hoje muito mais dúvidas do que certezas às esquerdas. Antes de tudo, as esquerdas precisam se unir em torno do que sobrou dessa devastadora eleição: Freixo no Rio de Janeiro, João Paulo em Recife, Edmilson Rodrigues em Belém, Edvaldo Nogueira em Aracaju etc.

Com muitas divisões, com baixa propensão à unidade, com um ideário desconectado ao mundo contemporâneo, com organizações autoritárias e burocráticas, com uma retórica que não dialoga com a sociedade, com uma enorme crise em suas visões de mundo, as esquerdas vivem uma defensiva mundial, ao mesmo tempo em que cresce o rancor e o ódio neofascistas.

A crise das esquerdas se alinha com a própria crise civilizacional que tende a se agravar em várias dimensões: ambiental, social, econômica, humana. O mundo do futuro próximo, dizem os economistas e analistas mais atentos, será um mundo sem empregos, com populações que viverão cada vez mais. Em contrapartida, a concentração de renda e riqueza é crescente. As democracias são cada vez menos legítimas e cada vez mais incompetentes em fornecer respostas aos problemas das sociedades.

As esquerdas brasileiras pararam no tempo. Discutem os problemas com retóricas e paradigmas do século XX, quiçá, do século XIX. Nos últimos anos houve um abandono das incipientes experiências de governança democrática que vinham sendo desenvolvidas. Nos municípios, nos estados e no governo federal, os governantes, secretários e ministros ditaram as suas “verdades” às sociedades. Ao mesmo tempo em que direitos deixaram de ser

garantidos, não se investiu na inovação e na qualidade dos serviços e direitos. Os governos continuaram analógicos em sociedades digitais. Reformas cruciais, seja no plano macro ou no plano micro, sequer foram cogitadas.

A ideia de aglutinar as esquerdas numa frente, que garanta a unidade na pluralidade, ganha força em face das fragilidades e derrotas recentes. A construção dessa frente, se vier a se concretizar, contudo, necessita de um processo amplo de definição de conteúdos programáticos e de métodos de condução dos processos internos. A perspectiva é a de que essa frente aglutine partidos, movimentos políticos e sociais, indivíduos e grupos cívicos, num novo tipo de organização e de relação política, sem as práticas hegemônicas e de controle burocrático, tão comuns às esquerdas.

A derrota eleitoral, somada ao golpe e às perspectivas de retrocessos em direitos, foi avassaladora. Subestimá-la, persistir nos erros e não fazer autocrítica significa contribuir para a consolidação de um projeto conservador que vem se delineando. Neste momento, o desafio das esquerdas é paradoxal: precisa construir sua unidade ao mesmo tempo em que promove um ajuste de contas.

Aldo Fornazieri – Professor de Filosofia Política.

• **COMENTAR**



Renato Lazzari

De novo demonizando o PT?

seg, 03/10/2016 - 14:02

Deixando de lado a cegueira do personalíssimo texto do autor quando se recusa a enxergar que o vencedor dessas eleições foi a iniciativa privada oligopolizada, agigantada e estrangeira, tendo como pelotão de front firmas como a "Globo" e a Abril fazendo campanha diuturna tanto para demonização do PT especificamente quanto contra a Política de forma geral, num ponto parece-me que quase acertou: o pessoal pensa em "esquerda" como reserva moral. Mas mesmo nesse ponto há alguns estratagemas dos pseudo-esquerdistas. Uma que nada como esperar - e até cobrar -

perfeição para quem quer apontar defeitos. E outra que, sim, espera-se tanto que as "esquerdas" sejam reservas morais quanto se tem a mais absoluta certeza de que as "direitas" são corruptas, sujas, imorais. Infiltrar privatista na[...][ver mais](#)

O *medíocre* *discute* *pessoas.*
O *comum* *discute* *fatos*
O *sábio discute idéias.*

- ARRAY

- [LINK PERMANENTE](#)

- [RESPONDER](#)



Clovis 50

Não sou petista e depois de

seg, 03/10/2016 - 13:26

Não sou petista e depois de 2002 foi a primeira vez que votei e foi no PSOL, mas daí a achar que foi só erro do próprio PT o Aldo errou veio.

Algumas variantes estão correta, mas não considerar a variante da mídia golpista nem do judiciário fascista tenho a mais plena convicção que é um erro.

A (baixíssima) qualidade do serviço oferecido pelo Estado que não foi atacada pelos governos petistas é uma realidade. Um exemplo foi a questão dos direitos por demissão, que tranquilamente um desempregado poderia pegar apenas uma via simples de sua homologação e dar entrada apenas numa agencia da Caixa e receber seu FGTS e seguro desemprego diretamente numa conta bancária e não passar por todo tipo de humilhação para conseguir esses dois direitos básicos. Isso é assim desde que esses direitos[...][ver mais](#)

- ARRAY

- [LINK PERMANENTE](#)

- **RESPONDER**



Maria Dirce

O texto desse cara não me

seg, 03/10/2016 - 12:56

O texto desse cara não me agradou!!Ele esqueceu de dizer que Moro em 2 anos só prendeu petistas e a Globo filmando!!Se isso não dor demolidor seria só a Bomba atômica??/sic

Concordo quando ele diz que o PT precisa se renovar!Concordo tb quando ele diz-Foi apedrejado continuamente, e não revidou!!! Militância prepotente? acho a Militância uns guerreiros, imbatíveis, suportam os erros do PT e não desanimam!Ontem mesmo estavam frustrados, hoje já renasceram bora pra luta!!!

Renato Janine Ribeiro

2 h ·

Bem, vai lá uma pergunta bem difícil. Durante doze anos, os dois mandatos de Lula e Dilma 1, o PT fez uma série de políticas que beneficiaram - muito - os mais pobres. Mas bastou a grana faltar e os mais pobres se mandaram. Votaram em massa no Doria. Claro que podemos dizer que a mídia perversa, o preconceito etc etc.

O problema de dizer isso é que é muito condescendente, quase paternalismo: é dizer que os pobres são manipulados fácil fácil, que precisam ser orientados. (Tipo o Lula subir num caminhão e dar a volta na periferia avisando que Marta saiu do PT. Ora, os pobres não sabem disso? Precisa alguém dizer para eles?) A outra interpretação é: eles realmente não estão ligando. Parou a grana, eles mudaram de lado. Esta interpretação tem uma vantagem: trata-os como adultos. Respeita o voto deles como uma decisão consciente. E pára de ter pena deles.

Para mim, é difícil escolher uma destas interpretações. Sei das deficiências enormes de formação - e educação - inclusive cultura política - de nosso povo. Mas não gosto de ter pena de gente maior, vacinada etc. Penso que têm que ter responsabilidade por suas escolhas.

Uma lembrança de meu pai. Em 1985 os funcionários mais pobres da firma em que ele era funcionário graduado o zoaram: - Nós elegemos o Jânio, que era o candidato dos pobres, em vez dos candidatos dos ricos! Meu pai não gostou, não respondeu. Nem fez nada contra eles, ele jamais faria isso. Dois meses depois, Jânio começou o pacote de maldades contra os pobres.

Um deles veio ver meu pai, pedir que escrevesse uma carta aos jornais protestando contra uma medida de Jânio. (Naquela época, carta a jornais significava alguma coisa). Meu pai devolveu: - Vocês não votaram nele? Não disseram que era o candidato dos pobres?

(E o curioso é que em 1989 rolou, de novo, essa de candidato dos pobres, que no caso seria Collor...)

Luciana, do favoritismo à derrota em um mês

O escasso tempo de propaganda eleitoral é apontado como o principal culpado pela derrocada da ex-deputada, que chegou a liderar as pesquisas

Por: Cleidi Pereira

02/10/2016 - 21h49min | Atualizada em 02/10/2016 - <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/10/luciana-do-favoritismo-a-derrota-em-um-mes-7647867.html>

Compartilhar [E-mail](#) [Google+](#) [Twitter](#) [Facebook](#)



Foto: André Ávila / Agência RBS

Nos últimos dias de campanha, entre selfies e abraços, Luciana Genro (PSOL) repetia com frequência que havia sido eleita deputada estadual, em 1994, com uma vantagem de apenas 99 votos, na primeira vez em que concorreu a um cargo público. Era uma tentativa de animar a militância e os eleitores e reverter a queda nas pesquisas de intenção de voto. Mas a estratégia não foi suficiente. Ela foi do favoritismo à derrota em pouco mais de um mês e terminou a disputa em quinto lugar, muito aquém do esperado.

Única mulher a disputar a prefeitura da Capital, Luciana classificou o resultado como "extraordinário diante das circunstâncias e das imensas dificuldades" e disse que a luta continua. Ela comemorou o crescimento da bancada do PSOL — que agora terá três vereadores — e avaliou o fato como "um sintoma de que o PSOL está se enraizando cada vez mais em Porto Alegre".

— Quando entramos nessa disputa sem buscar alianças de ocasião para aumentar o tempo de televisão, sabíamos que a disputa seria dura. Mas eu sempre disse que preferia perder sem abrir mão dos meus princípios e da minha coerência do que vencer e não ter condições de fazer as mudanças — afirmou.

Publicidade

[Da rebeldia ao afeto: conheça Luciana Genro](#)
[Leia todas as notícias sobre as eleições](#)

O desempenho de Luciana nas primeiras pesquisas surpreendeu. Nem a ex-deputada federal acreditava que seu nome poderia aparecer como o favorito, apesar de sua popularidade ter aumentado com a eleição presidencial. A queda, no entanto, já era esperada. No dia 22 de agosto, a socialista tinha 23% das intenções de voto, conforme levantamento do Ibope. Um mês depois, esse índice caiu 11 pontos percentuais, para 12%.

O escasso tempo de propaganda eleitoral é apontado como o principal culpado pela derrocada de Luciana, que tinha apenas 12 segundos para apresentar suas propostas, contra alguns minutos de seus adversários. Uma das explicações para a socialista ter largado a corrida na frente, conforme Pedro Ruas, candidato a vice-prefeito, é que ela era a mais conhecida entre os postulantes, mas o jogo virou com a exposição maior dos adversários.

— Nosso tempo de TV foi absolutamente injusto. Uma lei do Cunha (*Eduardo Cunha, o cassado ex-presidente da Câmara*) com sanção da Dilma. Infelizmente, essa lei prevaleceu e liquidou com o tempo de TV do PSOL. Poderia ter nos tirado do debate, se não

tivéssemos iniciado a campanha com a força que iniciamos — lamentou Luciana.

O cientista político Bruno Lima Rocha, professor da Unisinos, concorda com a avaliação. Como a campanha teve duração reduzida pela metade, alguns segundos a mais no horário eleitoral podem ter feito a diferença. Outros dois fatores que podem ter tido influência na derrocada, segundo ele, foram a baixa capilaridade da campanha e um "consenso por direita" existente hoje.

Luciana chegou ao seu comitê de campanha por volta das 17h30min de ontem e acompanhou a apuração em uma sala reservada, ao lado de Pedro Ruas, do coordenador de campanha Roberto Robaina e de membros da executiva do partido. Conforme a apuração avançava, jovens se abraçavam e choravam. Os momentos de tristeza eram intercalados com rompantes de alegria e comemoração, devido ao desempenho de Fernanda Melchionna, a vereadora mais votada de Porto Alegre.

Em seu pronunciamento, por volta das 20h, garantiu que o PSOL não irá apoiar Sebastião Melo (PMDB) nem Nelson Marchezan Júnior (PSDB) e que irá se dedicar à campanha de Marcelo Freixo à prefeitura do Rio de Janeiro:

— Nós não entramos na eleição para depois barganhar cargos ou secretarias. Entramos na eleição para construir um projeto político e nos sentimos vitoriosos nessa construção do nosso projeto político, porque ele se fortaleceu nessa eleição.

"Sofri por ser mulher, nordestina, e agora 'sou velha'", diz Erundina

A candidata a prefeita de São Paulo pelo PSOL, Luiza Erundina, 82, é aplaudida ao pisar no saguão do prédio da Faculdade de História da USP (Universid...

[Compartilhar](#)

[Salvar](#)

ELEICOES.UOL.COM.BR · 13.752 COMPARTILHAMENTOS

"Sofri por ser mulher, nordestina, e agora 'sou velha'", diz Erundina



Felipe Souza

Em São Paulo

30/09/2016 17h25

Ouvir texto

0:00

Imprimir Comunicar erro

- Avenir Prado/Folhapress

A candidata a prefeita de São Paulo Luiza Erundina, do PSOL

A candidata a prefeita de **São Paulo** pelo PSOL, Luiza Erundina, 82, é aplaudida ao pisar no saguão do prédio da Faculdade de História da USP (Universidade de São Paulo). Mas nenhum dos cerca de 400 jovens é tão efusivo como a vendedora de artesanato Yara Maria dos Santos, 60.

Aos prantos, ela corre para abraçar a candidata e a presenteia com um cachecol vermelho. "Estou muito emocionada porque trabalho aqui há 30 anos e hoje tenho a oportunidade de ver a Erundina no mesmo lugar onde, há 30 anos, ela derrubou Jânio Quadros. Vou votar nela porque tem coerência", disse Santos.

Mas, a cerca de 10 metros de sua barraca, o segurança Thiago Damasio, 32, pensava o oposto. "Muito fraquinha essa Erundina, não é? Estou ouvindo ela falar que vai ter ônibus de graça, mas de onde vai tirar esse dinheiro? Eu voto em Osasco (Grande São Paulo), mas, se fosse aqui, meu candidato seria o (João) Doria", disse, enquanto enviava mensagens pelo celular.

Com 5% das intenções de voto, Luiza Erundina foi a quinta colocada na **mais recente pesquisa do instituto Datafolha em São Paulo, realizada no dia 26 último**. Em primeiro está o candidato João Doria (PSDB) com 30%, seguido por Celso Russomanno, do PRB (22%), Marta Suplicy, do PMDB (15%) e o atual prefeito, Fernando Haddad, do PT (13%).

Rotina

"Está muito frio aqui, não?", pergunta Erundina enquanto abotoa o último botão de seu casaco antes do início de sua entrevista à **BBC Brasil**. Erundina puxa uma das cadeiras dobráveis de ferro da sala de reuniões de seu escritório no bairro da Saúde, na zona sul da capital paulista, a três quarteirões de sua casa. A deputada federal conta que suas últimas semanas foram intensas, já que acumula o mandato parlamentar em Brasília com a reta final da campanha eleitoral.

Mesmo nesse vaivém ela consegue espaço para se divertir. "Eu durmo meia-noite e acordo às 6h. Quando dá, eu faço um exercíciuzinho no prédio. Eu vou ao parque Ibirapuera, ao cinema e, raramente, ao teatro. Também vou à livraria Cultura namorar livros porque não dá para comprar todos, não é?", diz sorrindo.

Sair à noite para jantar? Só em datas especiais. Normalmente, ela faz um lanche ou passa a mão no telefone e pede uma pizza em uma tradicional pizzeria paulistana.

Idade

Erundina se incomoda quando falam de sua idade, mas rebate as críticas. "É um atraso alguém levar isso em conta para avaliar alguém. Fui vítima de preconceito por ser mulher, por ser nordestina, ser de esquerda, por ser do PT, por ser pobre e agora

tenho mais um motivo: eu sou velha. Costumo dizer que só faltava eu ser negra. E gostaria de ser negra. Assim teria mais um motivo para fazer a luta ideológica", afirma.

Eu disse: o PT acabou

A derrota do partido mostra uma tendência da América Latina

Por: David Coimbra

02/10/2016 - 20h44min | Atualizada em 03/10/2016 - 01h55min

Compartilhar [E-mail](#) [Google+](#) [Twitter](#) [Facebook](#)

Há pouco menos de dois anos, escrevi uma coluna com o seguinte título:

"O PT acabou".

O texto motivou um artigo de resposta de Raul Pont, ex-deputado do partido, em que ele oscilava entre a ironia latente e a agressividade nem tanto.

Foi essa gana de defender o PT que fez Raul Pont desistir da aposentadoria política para se candidatar à prefeitura de Porto Alegre. Apesar de sua galhardia, Pont não teve sucesso. Ele e o PT não foram nem para o segundo turno.

Não escrevo a respeito disso agora para fazer tréplica a Raul Pont, tampouco para tripudiar sobre ele depois da derrota. Não. Admiro Raul Pont. Considero-o um político sério e motivado por boas intenções, mesmo quando está errado. Também não fiquei ressentido com seu artigo. Não deveria ser assim, mas sei que é

natural o ser humano atacar o crítico quando se incomoda com a crítica.

No caso do PT, esse fenômeno é ainda mais agudo. Comparo o que ocorreu com o PT no Brasil com a desilusão dos comunistas depois do famoso "discurso secreto" de Nikita Krushev durante o 20º Congresso do Partido, em 1956. O discurso era para ser secreto, mas espalhou-se por todo o mundo: Krushev denunciou os expurgos de Stálin e relatou parte das atrocidades do regime. Foi uma desilusão grave. Alguns stalinistas jamais se recuperaram do golpe contundente da verdade.

Entendo, portanto, os efeitos do impacto emocional sofrido pelos petistas depois que a Polícia Federal, o Ministério Público, a Justiça e a realidade revelaram a ação do partido nos governos Lula e Dilma. É muito duro deixar de acreditar, é muito duro perder a fé, e, no caso de petistas, comunistas e da esquerda latino-americana em geral, o que há é precisamente isto: é crença, é matéria de fé.

Mencken dizia que a fé é a crença ilógica na ocorrência do improvável. Pois existe, na América Latina, a crença de que um governo de homens bondosos e sábios, um dia, poderá salvar uma nação. O que nunca ocorreu, em parte alguma, em tempo algum. Ou seja: é algo tão ilógico quanto improvável.

Foi exatamente essa convicção de que o PT é formado por salvadores da pátria iluminados que acabou com o partido. Mais do que a corrupção, mais do que os equívocos de governança, mais do que ideias atrasadas, foi o sectarismo que fez do PT uma entidade detestada por grande parte da população brasileira. E que fez com

que o PT fosse rechaçado em massa nas urnas, nesta eleição municipal.

O PT acabou. Disso eu já sabia. Mas não se acabaram as boas intenções, nem se acabaram os bons políticos que já passaram por esse partido. Entre eles, Raul Pont. O fim das ilusões é o fim da fé. Mas pode ser o princípio da razão.

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/opiniao/colunistas/david-coimbra/noticia/2016/10/eu-disse-o-pt-acabou-7647236.html>

Leia

mais:

[PT perde 34 prefeituras e despenca na lista de partidos que mais governam municípios gaúchos](#)
[Eleição municipal marca derrocada do PT nas capitais](#)
[Veja todas as colunas de David Coimbra](#)

BRENDA ISMAEL

A diferença entre Freixo e Crivella é enorme: foram 842 mil votos para Crivella, 553 mil para Freixo. Ou seja, vantagem de 289 mil eleitores. Com o detalhe nada desprezível de que Crivella herda a maior parte dos 424 mil eleitores de Flávio Bolsonaro, que não votam em Freixo nem por decreto e provavelmente farão tudo para derrotá-lo, enquanto Freixo só herda, com certeza, os votos de Jandira e de Molon, que, somados, não chegam a 5% do total ou 144 mil eleitores. Já Pedro Paulo, Osório e Índio da Costa somam pouco mais de 1 milhão de eleitores - destes, poucos votam em Freixo. Como vocês podem observar, a situação é muito delicada e espero que Freixo mantenha os pés no chão, pois o eleitorado que votou branco ou nulo, que juntos somam 677 mil, serão decisivos daqui pra frente



[Ricardo Sardenberg](#)

1 de outubro às 10:20 ·

Quero que me convençam que o monumento a um empreendimento colonial tão trágico de nossa história não ficou mais expressivo assim.

para Mauricio

(Para ser publicado em 4terça-feiraOutubro2016)

O NAUFRÁGIO DO PT (SEBASTIÃO NERY)

RIO – A história da humanidade tem naufrágios que ultrapassaram os tempos, como o do consul Pompeu voltando da África para Roma. No Brasil a Bahia nasceu do naufrágio do valente aventureiro Caramuru. Perdemos o bispo Sardinha nas costas do nordeste. E na história universal o Titanic, o super navio afundado.

Nesta semana mais um naufrágio veio para carimbar a história da política brasileira. Depois de 30 anos de belas vitórias, muitas loucuras, falcatuase numerosas prisões o PT naufragou de norte a sul do país. Não sobrou nenhuma liderança. Lula esta lá em São Bernardo escondendo-se da Polícia Federal. Dilma não quer ficar em Porto Alegre mas fora de lá não tem onde se esconder. José Dirceu, Palocci, Vacari, não podem atender o telefone. Preso não atende telefone. Não sobrou ninguém. Nem o talentoso ex ministro Tarso Genro, porque ninguém quer papo com ele.

Perder São Paulo já seria uma derrota dolorosa, mas compreensível. O que é inexplicável é o PT, depois de tantos mandatos, ser escorraçado da capital, sem conseguir sequer chegar a um segundo turno. Nem isso. Foi derrotado, humilhado e ofendido.

O RETRATO

Com exceção do distante, minúsculo e boliviano Acre, em todos os estados onde tentou disputar alguma coisa foi varrido pelos eleitores. Não se salvaram nem o Rio Grande do Sul onde já

teve berço e cama. Nem o ABC paulista com seus numerosos sindicatos e alguns outrora poderosos diretórios políticos e sequer no Nordeste que já foi um dia proclamado como território sagrado do partido. De tanto esconder-se, dele os eleitores e as urnas se esconderam. Como a Itabira do poeta o PT ficou reduzido a um retrato na parede. Mas como dói.

Algum tempo vai ser preciso mas logo logo o país sentirá o alívio que foi o sumiço do PT. Chegará ao fim a ladainha escondida atrás de discursos demagógicos, explorando a ingenuidade popular. Nunca mais ninguém dirá que nunca antes na história deste país houve alguém como ele ou que é mais honesto do que Jesus Cristo.

NOVOS TEMPOS

Parece pressa, mas chegou a hora. O Congresso tem o dever de começar uma reforma política para ficar pronta antes de 2018. Houve avanços mas ainda são poucos. Acabar com o financiamento empresarial das eleições foi um salto. Mas não basta. É preciso regulamentar o financiamento individual para que espertos não finjam estar dando dinheiro que é dele quando não é.

Muita coisa há para reformular. Por exemplo: por que não começar a discutir um sistema parlamentarista que seja integral ou ao menos um que seja misto? O país está maduro para esta reforma. Mais urgente ainda é acabar com o vergonhoso carnaval dos partidos. Cinquenta partidos (funcionando ou a funcionar) tornam a democracia um fantoche. Eles passam a ser fundados ou a existirem apenas em função da teta gorda do Fundo Partidário e dos negociáveis tempos de TV e de rádio.

Mais de 10 partidos já seriam um exagero e 50? Tornam-se um sórdido balcão de negócios. É claro que essas coisas não se implantam do dia para a noite. Mas na hora em que algumas dezenas de parlamentares sérios, que existem no congresso, se dispuserem a preparar um projeto de cláusula de barreira, como existe em todas as democracias, a pressão da opinião pública virá irresistível. É preciso querer e fazer.

O excelente deputado Miro Teixeira tem tempo, independência e autoridade para começar esta batalha.

A escravidão também jamais iria acabar. Mas um dia acabou.

Perdemos todos, vamos renovar

Tarso Genro



3/out/2016, 11h54min = www.sul21.com.br

“A lição das urnas mostra que a ausência de um partido hegemônico – pela esquerda, com um programa autêntico de construção da nação e capaz de consolidar o Estado Social de Direito – é a principal barreira que devemos superar”.
(Foto: Guilherme Santos/Sul21)

Tarso Genro

Um brilhante artigo do Professor Roberto Amaral, “Os desafios das esquerdas fragmentadas”, oferece um roteiro excepcional para o debate que devemos abrir, em **defesa da democracia** e da **república**, no momento em que as urnas sinalizam, não somente o fim da hegemonia petista, no âmbito da esquerda, mas eficácia das novas formas de luta – já assumidas em todo o mundo – pela direita conservadora rentista. Esta, aliada com os centros de inteligência neoliberais, pautada pelo oligopólio da mídia, que exige as “reformas” no Estado Social, conta, de um lado, com a decadência das formas tradicionais de fazer política – assumidas pelo PT – como partido hegemônico, e, de outro, com o “cansaço” da democracia, que não consegue mais dar estabilidade a conquistas sociais, nem vitalidade às liberdades políticas.

O PT teve muitas candidaturas dignas e autênticas, como as de Raul Pont e Fernando Haddad – para mencionar apenas duas capitais – e outras tantas por este Brasil afora, mas, em regra, teve um desempenho pífio ou dissolveu-se em alianças regionais de

conveniência, sem se dar conta que, na verdade, esta eleição seria um pleito de recomeço e não de continuidade da política de resistência contra o impedimento da Presidenta. Este, de resto, já era (e é) fato político consolidado, mesmo grande parte da população tendo consciência que foi enganada sobre os propósitos da sua derrubada, que ocorreu para que seja feito um “ajuste” profundo, na economia, não para combater a corrupção.

Toda a falência do nosso sistema de alianças pode ser sintetizada num dos exemplos, entre os vários dados pelo professor Amaral, no texto referido: como explicar que o PT, em Olinda, não tenha apoiado Luciana Santos, presidenta nacional do PCdoB, e este partido – em Recife – tenha apoiado o candidato da direita, contra João Paulo do PT, sabidamente um homem do campo da esquerda? Quando se levanta esta perplexidade, não está se buscando “responsabilidades” locais, pois, de resto – em momentos eleitorais – as forças políticas locais se movem pragmaticamente, quando não ocorre uma intervenção de um centro dirigente legítimo. O que está se buscando é visualizar quais as estratégias nacionais, que estes partidos adotam, para “naturalizar” tal fragmentação, bem como o sentido de responsabilidade histórica, que definem na conjuntura atual, para permitir que os seus agentes políticos se movam com esta leveza sem estratégia.

Na verdade, parece que estes partidos do campo da esquerda agem como se o país não transitasse por um processo político de “exceção”, como se o Estado Social de Direito não estivesse sendo desmantelado, como se a hidra do fascismo não estivesse levantando uma das suas cabeças, como se o “ajuste” em curso – que integra de forma definitiva o Brasil na tutela do “rentismo” global – (e faz a sua própria base social sólida), fosse um mero acidente de percurso. Na verdade, todavia, é sabido que estes ajustes só são aplicáveis quando as corrupções contingentes, de qualquer Estado, tornam-se modo estrutural definitivo de governabilidade, como está correndo no Brasil.

Não vou dar exemplos da falta de estratégia democrática de outros partidos, mais além do que pontuais, porque a finalidade deste artigo não é, neste momento, travar uma polêmica com os que se colocam “à esquerda”, desta aliança do PT com o PCdoB, que deveria informar um sistema de alianças mais amplo, tanto à esquerda como à sua “direita”. A ideia é refletir sobre os erros – principalmente do PT como partido hegemônico – no campo que

defendeu a ilegitimidade do golpe contra a Dilma e foi o alvo principal de uma sistemática campanha de destruição, pelo oligopólio da mídia, inclusive nos dias próximos à eleição.

Coloco na minha breve abordagem a seguinte pergunta: o que faz o PT – por exemplo -lançar a candidatura em Belém, de Regina Barata (1,71%) – paralela à candidatura de Edmilson, do PSOL (30%) – , numa eleição em que este, homem de esquerda e gestor excelente enfrentava, já no primeiro turno, um forte candidato do PSDB, que hoje é o principal repositório do golpismo pós-moderno, no país? Reputo que com esta postura -independentemente das suas intenções nobres – o PT reflete a mesma concepção de fundo do PSOL (embora o faça com viés burocrático), pela qual ele se avoca o mais importante representante da esquerda, deixando de lado a melhor candidatura, para enfrentar o adversário comum.

Esta posição exclusivista, seja do PT, que chega nela pela via burocrático eleitoral, seja do PSOL – que a defende em vários lugares como uma estratégia socialista – retira do centro do conflito eleitoral a questão democrática, que tinha sido superada na Constituição de 88, agora golpeada por um Congresso sem legitimidade. Se a questão democrática não for, hoje, no país, a questão mais decisiva a ser enfrentada por uma frente política novo tipo – que passe inclusive por dentro dos processos eleitorais – meu raciocínio está errado. Mas, se estou certo, os resultados eleitorais nos centros políticos mais importantes do país consolidaram o Governo Temer, reforçaram o PSDB e atrasaram a unidade popular para enfrentar a exceção.

Quero lembrar, ainda, outro aspecto que me parece extremamente relevante. Trata-se de um fato histórico de alta complexidade, através do qual a questão democrática e nacional, foi retomada pela direita por outra via, pela qual a suposta defesa da nação (contra o comunismo) não se tornou em nenhum momento dominante. Isso permitiu falsear ao extremo os interesses de classe tradicionais, que envolveram os surtos autoritários de períodos anteriores: a soberania popular foi revogada no país, em nome da luta contra corrupção, mas o seu propósito era e é – com ou sem corrupção – aplicar um programa claro de natureza econômica, para integrar de forma profunda o Brasil no domínio do “rentismo” global. Este faz e amplia a sua própria base social e política no processo de reformas, que tem o apoio de diversos partidos e frações de partidos e que tinha se aninhado inclusive dentro do próprio PT.

Em suma, a lição das urnas mostra que a ausência de um partido hegemônico – pela esquerda, com um programa autêntico de construção da nação e capaz de consolidar o Estado Social de Direito – é a principal barreira que devemos superar, para que o campo popular e democrático no país recupere a iniciativa e enfrente o golpismo amplamente vitorioso nas eleições deste ano.

.oOo.

Tarso Genro foi Governador do Estado do Rio Grande do Sul, prefeito de Porto Alegre, Ministro da Justiça, Ministro da Educação e Ministro das Relações Institucionais do Brasil.

VAMOS FALAR SOBRE IGREJA UNIVERSAL

Livia Reis – FB 03 out.

Faço pesquisa em igreja evangélica há seis anos. Há quatro pesquiso a Universal e queria, humildemente, pedir uma coisa pros apoiadores do Freixo: não é pra convencer ninguém a votar 50 argumentando que o outro candidato “é da Igreja Universal”! “Ser da Universal” não pode ser uma acusação. Geraldo Alckmin é da opus dei e tá aí elegendo candidato no primeiro turno sem ser rotulado de fanático religioso. E eu posso garantir que a opus dei, além de elitista, é muito mais conservadora que a Igreja Universal. Quando a gente usa a identidade crente de maneira pejorativa, reforçamos preconceitos contra evangélicos, que, em sua maioria, vêm nas camadas mais pobres da população. E essa galera já tem opressão demais pra lidar todo dia, né? Não pode ser a favor da liberdade religiosa e atacar a Universal. Além do mais, o próprio Crivella já superou o Bispo. A gente precisa superar também. A trajetória que ele apresenta no programa eleitoral é a de homem determinado, que se vira, e já fez um milhão de coisas até chegar ali. Igual a qualquer trabalhador. A diferença é que ele ajuda as pessoas. Igualzinho a Universal faz.

A igreja de Edir Macedo se autoproclama uma família. Deus é o pai, a Igreja é a mãe. É ela quem coloca ordem na casa e ensina para os filhos obedientes o caminho do bem. Dentro da casa, os

filhos/fiéis podem praticar esportes (de futebol a artes marciais – esse ano teve até uma olimpíada), mexer em computadores e câmeras de última geração, tocar instrumentos musicais. Também podem fazer cursos profissionalizantes, cursar o ensino básico ou aprender a ler. Tudo isso através de seus braços humanitários, que é como eles mesmos chamam. A Universal ensina as mulheres a se arrumarem e a passar maquiagem. Empodera. Também ensina aos homens que é DEVER fazer tarefas domésticas. Marido bom é aquele que escuta a esposa, lava a louça e pega as crianças na escola. E não basta fazer. Tem que provar. Com foto no whatsapp pro Pastor. Deus adora. E a mulherada também. Como se não bastasse, a Universal também dá uma ajuda espiritual pra galera enfrentar esse mundão, porque, afinal de contas, tá difícil pra todo mundo. E cada um escolhe o melhor jeito de lidar com as próprias frustrações, né?

Então, gente, vamo parar de reproduzir que crente é burro e que a igreja é má. A igreja é ótima. Ajuda as pessoas. Quando o Crivella diz que vai “CUIDAR DAS PESSOAS” ele está falando que vai fazer o que a Universal já faz, usando as mesmas palavras que os pastores usam. A Universal pega um monte de gente que ninguém quer olhar e transforma em pessoa. Tá trabalhando na base. É disso que o Crivella tá falando e é sobre isso que a gente precisa se preocupar porque, na dúvida, irmão vota em irmão. Também é verdade que a Universal faz campanha no templo, então nossa estratégia PRECISA ser urgente e eficaz, mas ela não passa por atacar a Universal.

Muitas igrejas neopentecostais não gostam do Macedo. Tem muito crente de esquerda, gente. Eu mesma entrevistei vários que votaram no Freixo em 2012, quando fiz pesquisa sobre religião e política numa igreja que tinha candidato próprio a vereador (eleito) e apoiava o Paes. Temos que ir atrás desse povo, disputar a identidade evangélica, mostrar que crente tem irmão do lado de cá também. Crivella não pode se eleger porque representa tudo de mais retrógrado que existe. E está ao lado de corruptos como Garotinho. E isso não é bom pra ninguém. Precisamos convencer as pessoas é disso. Também tem que explicar como o Freixo vai fazer políticas que afetem diretamente para o bem a vida de quem precisa do Estado. Crente vai votar em quem adianta a vida. A Universal adianta a vida de um monte. E a gente? Vai adiantar também ou vai ficar falando mal de quem ajuda a eles?

Eleições municipais: direita se fortalece, PT sofre derrota pesada e PSOL busca alternativa



[HTTP://WWW.CORREIODACIDADE.COM.BR/INDEX.PHP?OPTION=COM PAGSEGURO](http://www.correiodacidade.com.br/index.php?option=com_pagseguro)

POR LUÍS LEIRIA

SEGUNDA, 03 DE OUTUBRO DE 2016

Um primeiro levantamento do resultado das eleições municipais de domingo no Brasil tem de partir de três fatos: houve uma importante vitória dos partidos da direita que apoiaram *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, principalmente PSDB e PMDB; ocorreu o esperado desmoronamento do PT, que perde para o PSDB, já na primeira volta, a mais importante prefeitura do país, a de São Paulo; e confirmou-se o reforço político do PSOL, que vai disputar no segundo turno (30 de outubro) as prefeituras do Rio de Janeiro, Belém e Sorocaba e se postula assim a ocupar, a médio prazo, o espaço à esquerda que o PT abandonou de armas e bagagens.

Marcelo Freixo, do PSOL, disputará o 2º turno no Rio de Janeiro

Como prevíamos [num artigo anterior](#), Marcelo Freixo, do PSOL, afastou do 2º turno o candidato do PMDB e do atual prefeito e obteve sonoros 18,26% dos votos, quando a última sondagem lhe dava apenas 11%. Marcelo Crivella, pastor da igreja Universal e senador do PRB, que ganhou a eleição com um resultado inferior ao que lhe era atribuído pelas sondagens, 27,78%, disputará com ele o 2º turno.

Note-se que a eleição do 2º turno, que se realiza em 30 de outubro, é toda uma nova eleição, até porque desta vez os candidatos têm as mesmas condições, nos debates de TV e nos tempos de antena, que agora serão iguais. No primeiro turno, Crivella tinha 1 minuto e 11 segundos diários de TV, enquanto Freixo teve apenas 11 segundos. E o candidato do PSOL foi afastado do primeiro debate da TV, só participando nos seguintes com muita pressão nas ruas e nos tribunais.

“Não podemos mais sair das ruas e das praças depois desta

vitória histórica”, proclamou Freixo diante da multidão que se reuniu junto aos Arcos da Lapa, no centro do Rio de Janeiro, para comemorar o resultado. “Agora estão em disputa dois projetos muito diferentes para a cidade: o nosso, da esquerda, e o do Crivella. Os outros partidos terão de escolher entre um e o outro, ou se ficam indiferentes”, desafiou o candidato do PSOL, que já recebeu o apoio da candidata do PC do B, Jandira Feghali.

Destaque-se que nenhum dos dois partidos que disputarão a prefeitura do Rio no dia 30 é dos principais do sistema político brasileiro: o PMDB, que perde a prefeitura, ficou relegado para os 16,12% e o terceiro lugar; e o candidato do PSDB ficou em 6º lugar com 8,62%; a candidata do PCdoB, que era apoiada pelo PT e contou com a participação de Lula num evento da sua campanha, ficou em 7º lugar com 3,34%. De registrar os preocupantes 14% do candidato de extrema-direita Flávio Bolsonaro, em 4º lugar.

O PSOL disputa também o 2º turno das eleições em Belém: o atual prefeito Zenaldo Coutinho, do PSDB, concorrerá contra Edmilson Rodrigues, do PSOL, que já foi prefeito da cidade quando era do PT. Dois outros candidatos do partido que tinham possibilidades de permanecer na disputa viram-se arredados do 2º turno: em Porto Alegre, Luciana Genro, que chegou a liderar as sondagens, ficou em 4º lugar com 12,06%; em Cuiabá, o Procurador Mauro, do PSOL, que ficou à frente em quase todas as sondagens, acabou em 3º lugar com 24,85%. Não sendo capital, em Sorocaba, importante cidade do interior paulista, Raul Marcelo, do PSOL (25%) disputa com Crespo, do DEM (45%), o 2º turno.

Os resultados gerais do PSOL mostram que o partido caminha para uma nova fase em que começa a disputar com o PT a hegemonia da esquerda. É certo que o partido teve menos votos para prefeito que em 2012 (2.097.623 agora contra 2.388.701 em 2012) e elegeu menos vereadores (29 agora, 49 antes); mas também é verdade que as bancadas de vereadores de capitais importantes foram reforçadas: no Rio de Janeiro, passou de 4 para 6, em São Paulo, de 1 para 2, em Belo Horizonte de nenhum para 2, em Porto Alegre, de 2 para 3. Contra esta tendência, em Belém o partido perdeu um vereador (de 4 para 3) e em Natal outro (de 2 para 1).

Outro dado importante é que em Belo Horizonte e Porto Alegre o PSOL teve a candidatura à vereança mais votada da cidade, no caso duas ativistas mulheres e feministas.

PT esvazia

O Partido dos Trabalhadores, que já foi o terceiro maior partido do país em número de prefeituras, só garantiu, nas capitais, a vitória no primeiro turno de Rio Branco, capital do estado do Acre. Nas restantes capitais, o partido só disputa o 2º turno em Recife. O seu aliado PCdoB disputa o 2º turno em Aracaju.

A maior derrota do PT ocorreu na capital de São Paulo, onde Fernando Haddad ficou em segundo lugar, com 16,7%, mas perdeu a eleição porque João Doria, do PSDB, suplantou os 50% dos votos válidos (teve 53,28%) e por isso foi eleito logo no primeiro turno. O PT perdeu ainda outras duas capitais, Goiânia e João Pessoa.

Na Grande São Paulo, os candidatos petistas foram derrotados em cidades consideradas berço do partido, como São Bernardo e Diadema, que eram governadas pelo PT mas os candidatos do partido ficaram em 3º lugar. Em Osasco, o prefeito Jorge Lapas fora eleito pelo PT mas transferiu-se para o PDT, e é nesse partido que irá disputar o segundo turno. Noutra cidade da Grande São Paulo governada pelo PT, Guarulhos, o candidato do partido também ficou fora do segundo turno. Outro caso de prefeito do PT que decidiu mudar de partido foi o de Niterói, no Grande Rio de Janeiro, que abandonou o barco para não afundar com ele, e é como candidato do PV que irá disputar o 2º turno. Das 642 prefeituras conquistadas em 2012, o PT já perdera 108, em casos como o de Niterói, em que o prefeito se mudou para outro partido.

Governo Temer reforça-se com os resultados

O PMDB de Michel Temer deverá continuar a ser o partido com o maior número de prefeituras. E as vitórias do PSDB (que, depois de duas eleições sucessivas perdendo espaço municipal, voltou a crescer e conquistou São Paulo logo de primeira) e do DEM, que viu o seu prefeito reeleito em Salvador diretamente no primeiro turno, além de vitórias de outros partidos que apoiam o governo, também dão um confortável suporte ao governo de Michel Temer.

A grande vitória do PSDB de São Paulo foi arquitetada pelo governador Geraldo Alckmin, que decidiu lançar um homem de fora do aparelho político, o empresário e apresentador de *talkshows* João Doria Jr., para a prefeitura da capital paulista, numa candidatura que teve a ascensão de um cometa.

Milionário que declarou ao TSE um patrimônio de 180 milhões de reais, Doria fez uma campanha em que se apresentava como “não político”, mas sim como administrador, que se propõe desestatizar São Paulo, para aligeirar a sua máquina que, segundo ele, “é muito pesada e não anda”.

No total, 54 cidades vão a segundo turno no próximo dia 30 (só há 2º turno em cidades com mais de 200 mil eleitores), das quais 18 são capitais de estados.

Leia também:

Luiza Erundina: “teremos um período de instabilidade seguida de ressignificação da política”

Estamos colhendo, exatamente, os frutos dos 13 anos de petismo no governo federal

Acabou a lua de mel da conciliação de classes; Brasil volta à disputa aberta

Luis Leiria é jornalista do *Esquerda.net*.

Estamos colhendo, exatamente, os frutos dos 13 anos de petismo no governo federal

http://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12015:estamos-colhendo-exatamente-os-frutos-dos-13-anos-de-petismo-no-governo-federal&catid=72:imagens-rolantes



POR GABRIEL BRITO, DA REDAÇÃO

SEXTA, 16 DE SETEMBRO DE 2016

[Recomendar](#)

Entre um impeachment e mais um ciclo eleitoral, o Brasil continua a cambalear, no aguardo das medidas econômicas que visam combater a grave crise e sob o calor de frequentes protestos contra o governo de Michel Temer. Além disso, com o cerco da Operação Lava Jato a Lula, indiciado nesta semana, a temperatura dos embates continua a subir, o que deixa várias interrogações no horizonte. Sobre todo esse contexto, o Correio da Cidadania entrevistou o sociólogo do trabalho Ruy Braga, que fez profunda análise do momento.

“Não se pode obscurecer o fato de que a esquerda brasileira colhe hoje aquilo que o PT plantou ao longo de seus 13 anos no Planalto: desmobilização social, estratégia de negociar tudo no parlamento, pacificação apoiada em reformas quase inexistentes, com privilegiamento agudo de setores capitalistas e financeiros”, afirmou, como ponto de partida da compreensão do que se passa.

Conforme já dissera em entrevista anterior, Braga alerta para a necessidade de derrubar o governo de Michel Temer, que visa impor uma dura ordem em favor dos negócios. Aliás, considera que tal combinação de políticas de austeridade com violência política são cada vez mais inerentes ao modelo de democracia em vigor. Mais ainda quando nem mesmo aqueles que subiram ao poder conseguem se entender por completo.

“Ainda existe um potencial de contestação do movimento sindical e também existe mobilização nas ruas. Portanto, um quadro de crise bastante complexo, em que o PMDB tem ressalvas em implantar a agenda desejada pelo PSDB, que pode se beneficiar do ponto de vista eleitoral em dois anos. No entanto, o PMDB não se sente forte o suficiente pra garantir tal agenda, sabendo que favorece os tucanos”.

Ruy Braga também destaca que não pode haver mais vida para os setores de esquerda dentro do lulismo, que mesmo antes do fim da lua de mel com as massas já mostrava uma grande miopia diante dos anseios dos brasileiros. Com isso, considera que há um longo ciclo de reconstrução pela frente, que tem tudo para encontrar duros obstáculos no plano imediato diante de contexto

tão aterrador.

“Não tem como manter concessões dos gastos sociais do governo federal numa conjuntura de crise econômica. Isso iria colapsar conforme a crise econômica se aprofundasse. Houve uma desaceleração a partir de 2013. O governo do PT, em tal momento, ainda fez uma leitura vazia das Jornadas de Junho, quando as massas – em especial a juventude da classe trabalhadora, precarizada, mulher, negra e pobre – saíram às ruas exigindo mais democracia, gastos públicos, investimentos em saúde, educação, transporte, moradia. No mês seguinte, em julho de 2013, o governo Dilma cortou mais de 10 bilhões de reais do orçamento federal. A partir de então, não foi mais capaz de retomar a iniciativa política”, contextualizou.

A entrevista completa com Ruy Braga pode ser lida a seguir.

Correio da Cidadania: Como você assistiu e sentiu o trâmite final do processo de impeachment de Dilma, apreciado e votado no Senado ao longo da última semana?

Ruy Braga: Não foi nenhuma surpresa. A rigor, o segundo governo de Dilma já tinha acabado na votação da Câmara dos Deputados, em 17 de abril. O resultado no Senado não surpreende porque as forças políticas colocadas no interior do parlamento, associadas às forças econômicas e sociais de fora do parlamento, em especial os bancos, grandes empresas, grandes interesses internacionais, já tinham articulado a decisão de que Dilma deveria ser impedida.

Consequentemente, o resultado coroa a combinação de forças ao mesmo tempo políticas, sociais e midiáticas colocadas em movimento no último ano e meio, a fim de substituir o governo Dilma por Michel Temer, e fazer avançar a agenda de contrarreformas, cujo sentido fundamental é fazer um ajuste estrutural no modelo de desenvolvimento capitalista do país, de modo a privilegiar os setores rentistas. A votação no Senado coroa o processo que redundou na assunção do governo Temer.

Correio da Cidadania: O que achou da postura e discurso da presidente Dilma em sua defesa?

Ruy Braga: Acompanhei todos os debates do Senado de maneira

pormenorizada, e dentro da dimensão jurídica do impeachment, me parece absolutamente claro que não houve o crime de responsabilidade. Assim, o que houve foi um golpe parlamentar, midiático, palaciano, no sentido de escolher ou encontrar uma razão pra impedir a sequência do governo de Dilma.

Consequentemente, a situação fortalece, claro, o argumento dos setores outrora governistas e cacifa-os a denunciar um golpe que de fato ocorreu. Dentro disso, seu discurso ao Senado levantou uma série de questões-chave para pensarmos a crise. Parece que a Dilma, como personalidade histórica, se preservou de maneira bastante digna no processo. Historiadores estudarão daqui um tempo o momento vivido pelo país e darão razão à tese do golpe e ao discurso proferido por Dilma no Senado.

O fato de Dilma vir discursar como nunca havia feito se explica, em primeiro lugar, pela clara adoção do PT de um modo de regulação baseado na pacificação social, consequentemente, na desmobilização dos setores populares e da massa da classe trabalhadora. Isso significa que nos governos Lula e Dilma percebe-se um PT no poder que prefere negociar no parlamento a estimular a participação das massas no processo de empoderamento social e popular. Abdica do processo de apostar no poder popular, na capacidade de mobilização dos movimentos e pressão sobre o parlamento pra garantir políticas públicas progressistas ou reformas mais profundas, do tipo que nunca foram implementadas pelo PT.

No momento em que o partido e Dilma percebem que a estratégia de pacificação social ruiu com o processo de impeachment, a polarização política instalada na sociedade e toda a radicalização ocorrida no parlamento, por conta da Operação Lava Jato, aprofundamento da crise econômica e suas repercussões na vida nacional, a presidente resolveu radicalizar o discurso porque a nau já tinha ido a pique, o barco já estava furado.

Numa mistura de desespero com alívio, Dilma passou a ter um comportamento mais ativo, no sentido midiático, denunciar o impeachment como um golpe e apelar aos movimentos sociais, de modo a fazer o papel que lhe cabia, de fato, naquele momento. Mas não se pode obscurecer o fato de que a esquerda brasileira colhe hoje aquilo que o PT plantou ao longo de seus 13 anos no Planalto: desmobilização social, estratégia de negociar tudo no

parlamento, pacificação apoiada em reformas quase inexistentes, com privilegiamento agudo de setores capitalistas e financeiros.

Estamos colhendo, exatamente, os frutos dos 13 anos de petismo no governo federal. Portanto, Dilma é vítima de golpe parlamentar, porém, é cúmplice do golpe contra os direitos sociais agora em andamento no país.

Correio da Cidadania: O que pensa do adiamento do julgamento do TSE a respeito da chapa Dilma-Temer para 2017?

Ruy Braga: Eu vejo a possibilidade, sim, da queda de Temer, mas pouquíssimo provável. O ambiente do país é muito volátil, está difícil prever o que vai acontecer em duas semanas, o que dizer até o fim de 2018. Mas parece mais provável ele permanecer no poder e procurar, ainda que não seja certo por conta das forças que tem, implementar a agenda de contrarreformas e ataques aos direitos sociais e trabalhistas da massa subalterna do país.

Mas não está claro. Por várias razões: do ponto de vista político *strictu sensu*, há uma crise que não foi superada, a despeito da formação de uma maioria parlamentar confortável no Congresso. Isso porque o PMDB incorpora a agenda do PSDB, que por sua vez tenta empurrar ao PMDB o mico de aplicar medidas não aprovadas na eleição de 2014. Significa que o PMDB de forma mais ou menos envergonhada, em alguns setores até flagrantemente contrariado, tem de assumir uma agenda que não é a que assumiria em condições normais. No entanto, o PSDB força tal agenda porque percebeu a janela de oportunidades de fazer aprovar as medidas derrotadas em 2014.

Por outro lado, o PMDB sabe que o governo dependerá da aprovação dessas medidas que favoreçam o capital exportador, financeiro e parte significativa do próprio capital industrial brasileiro. No entanto, não é propriamente uma garantia da aprovação porque as medidas são extremamente antipopulares, num contexto fundamentalmente volátil, de grande mobilização social.

Ainda existe um potencial de contestação do movimento sindical e também existe mobilização nas ruas. Portanto, um quadro de

crise bastante complexo, em que o PMDB tem ressalvas em implantar a agenda desejada pelo PSDB, que pode se beneficiar do ponto de vista eleitoral em dois anos. No entanto, o PMDB não se sente forte o suficiente pra garantir tal agenda, sabendo que favorece os tucanos.

Ou seja, continuamos num imbróglio muito grande. E caso a agenda avance no Congresso e a reação popular atinja de morte o governo Temer, o PSDB não irá acompanhá-lo para o túmulo, irá romper com o governo do PMDB caso este se torne ainda mais impopular e ameace suas intenções eleitorais.

Pra resumir, é o seguinte: o impeachment foi uma aventura muito mal calculada pelos diversos atores políticos, improvisada. Imaginava-se que o impeachment poderia bloquear a Lava Jato, mas tampouco aconteceu como esperado. No lugar do governo Dilma enfraquecido, mas ainda legítimo e com algum nível de controle sobre o movimento social e sindical, agora temos um governo e um parlamento que cortaram qualquer vínculo com a sociedade, ao menos com as massas populares, que participam de eleições.

Assim, temos uma crise que deve se estender por mais algum tempo. Também deve continuar com alta volatilidade o cenário social do Brasil.

Correio da Cidadania: Acredita que podemos adentrar tempos de instabilidades, e até quedas, nos próximos tempos, talvez com alguma semelhança com a Argentina entre 2001 e 2003?

Ruy Braga: Há um aprofundamento da crise política e o horizonte não é tranquilo para o governo Temer, pois parece que enfrentará um processo de contestação social cada vez mais forte. Até porque só agora os efeitos deletérios do desemprego estão sendo sentidos de forma mais íntima nas classes populares. A isso se soma o fato de o governo apostar numa agenda antitrabalhista, de flagrante ataque contra os direitos sociais, em especial à previdência pública, através da sua reforma.

Haverá aumento da crise, em razão das respostas populares, mas também creio que a economia, num primeiro movimento, irá se recuperar da recessão dos últimos dois anos. Não no patamar

anterior à crise, mas claramente atingimos o fundo do poço e talvez fiquemos lá por mais alguns meses. No entanto, é característica da economia capitalista uma recuperação cíclica, ainda que moderada, após processos de recessão profunda. O que temos para o ano que vem é um cenário de recuperação, ainda que muito modesto, em torno de 1%, que de alguma maneira servirá pra aliviar a pressão econômica, combustível da crise política.

Parece que a tempestade da Argentina, com profunda crise política no interior de uma profunda crise econômica, não deverá, ao menos no ano que vem, acontecer. O cenário que enxergo é de aprofundamento da crise política com alguma recuperação cíclica da economia.

Correio da Cidadania: Em entrevista anterior, você disse “estarmos sendo confrontados com o colapso de um modelo de representação tradicional” e usou a Turquia de Erdogan como um exemplo de democracia com diversas nuances ditatoriais. Com o PMDB à frente do governo, diria que já estamos diante desse experimento?

Ruy Braga: Diria que ainda não pelo simples fato de o governo ser frágil. Mas se conseguir controlar a situação, por meio da frente parlamentar e assegurando, por meio das contrarreformas, a elevação da taxa de lucro das empresas do país, ou seja, se o governo se fortalecer com uma recuperação da economia, aí sim nos encaminhamos para o aprofundamento do autoritarismo no país.

O regime democrático brasileiro é muito frágil, de baixíssima intensidade, e aquilo que os setores empresariais querem (ajuste estrutural na economia com vias de renovar as estratégias de espoliação social) exige governos fortes, centralizadores e autoritários. Pois aquilo que caracteriza o desenvolvimento apoiado em regimes de acumulação por espoliação social é a violência política, ao invés da violência econômica que se dá na acumulação de capital e geralmente na produção.

Na verdade, temos a dependência cada vez maior da estrutura da economia em relação a um Estado autoritário, que se apoia na violência política sobre as massas. Portanto, me parece mais ou menos claro que caso o governo Temer se fortaleça caminhamos

para uma espécie de “saída turca”, isto é, um regime cada vez mais autoritário a liderar uma democracia de fachada.

Por isso é tão importante derrubar o governo Temer.

Correio da Cidadania: Como você relacionaria o atual momento com as massivas manifestações de 2013? Como vê, nesse sentido, a sequência de atos realizados nas principais cidades, sob a insígnia do Fora Temer?

Ruy Braga: Basicamente, o “Fora Temer” liberou as forças que se organizam em torno dos movimentos sociais do fardo pesado que era defender o governo Dilma. Isso fez intensificar o processo de mobilização em torno de uma bandeira que unifica quase todo mundo.

Com o fim do processo impeachment, os setores populares estão mais à vontade pra sair às ruas e protestar contra o governo desse usurpador chamado Michel Temer. Diria, ainda, que a mobilização que hoje orbita muito em torno dos movimentos sociais e sindicais organizados tende a se ampliar na medida em que os setores que não saíram às ruas neste ano, mas saíram em 2013, devem se somar, pois se trata daqueles setores não organizados da juventude, do que chamo de “precariado”, que ainda não deram as caras. Mas cada vez mais tendem a se aproximar da mobilização pelo “Fora Temer”.

De fato, o “Fora Temer” é uma palavra de ordem e um slogan sedutor, na medida em que esse governo é profundamente impopular. Com 8%, 10% de aprovação, tem-se um governo fraquíssimo, e a perspectiva de derrubá-lo torna a mobilização bastante sedutora pra diferentes setores subalternos.

Nesse exato momento, assistimos a mobilização dos setores mais organizados, numa espécie de fagulha que pode ser capaz de incendiar setores não organizados, em especial aqueles formados por jovens trabalhadores.

Correio da Cidadania: Como as manifestações comandadas pela direita entre 2015 e 2016 se situam no meio disso?

Ruy Braga: Vejo como algo pendular, levando em consideração o flagrante aprofundamento da polarização política. 2013 foi

majoritariamente espontâneo, sustentou bandeiras ou demandas de esquerda, e tinha no seu interior, no momento de pico, cerca de 30% de setores médios tradicionais, insatisfeitos com Dilma. Tais setores médios passaram a ser majoritários nas manifestações de 2015, quando aqueles grupos que sustentaram plataformas mais à esquerda e radicais, como o próprio MPL, recuaram.

Isso por várias razões, desde certa inorganicidade e incapacidade de sustentar o próprio movimento de contestação aos governos, e, evidentemente, uma relativa perda de espaço para a agenda de direita. Em 2015, tivemos uma onda de manifestações pró-impeachment, que se massificou levando-se em conta, no essencial, a participação da mídia corporativa, que convocava as manifestações no país todo.

Com o processo de impeachment de Dilma, entramos no terceiro momento, de retomada das mobilizações dos setores de esquerda contra a agenda liberal, que significa um recuo aos anos 90, simbolizado nas figuras de Serra e Temer. São movimentos pendulares que acompanham os desdobramentos das crises política e econômica e se alimentam dos fatos espetaculares de tais crises.

Correio da Cidadania: Em meio à crise toda, como viu a sessão de cassação de Eduardo Cunha neste início de semana na Câmara, um dos ícones da recente ingovernabilidade do país e também da queda de Dilma?

Ruy Braga: Não acredito que mude. Parece que, pura e simplesmente, tivemos outra tentativa da Câmara, ao menos de uma parcela majoritária, de salvar sua pele diante da opinião pública. Temos uma classe política desgastada, uma Câmara que se mostrou praticamente nua na votação do impeachment de Dilma e chocou o país com sua faceta caipira, retrógrada, reacionária, conservadora, uma face misógina, além de empresarial, branca, enfim, tudo aquilo que a sociedade brasileira não é em sua maioria. Eles chocaram o país no impeachment de Dilma e agora buscam fazer relações públicas com a opinião nacional ao afastar Eduardo Cunha, que na realidade já tinha perdido todo seu capital político.

É um indivíduo, evidentemente, deplorável, detestável, mas nada

mais nada menos representa a condição política do regime brasileiro e sua forma de funcionamento, a face mais visível e perversa dessa classe política. Não acho que a cassação do Cunha resolve a crise política e mudará algo. Foi uma maioria de ocasião, mas não altera as principais determinações da crise política tal como ela se apresenta hoje.

Correio da Cidadania: O que pensa da relação entre manifestantes e PM, mais uma vez a envolver a polêmica a respeito da tática black bloc?

Ruy Braga: O Vladimir Safatle matou a charada quando disse que “a polícia tem partido”. De fato, a Polícia Militar tem partido e é o partido da ordem, no caso aqui de São Paulo o partido que comanda o estado, o PSDB. A polícia reprime duramente as manifestações progressistas, protagonizadas pela juventude, pacíficas, e celebra ou garante as manifestações pelo impeachment, contra o PT, contra Dilma e assim por diante. É uma clara demonstração de que a Polícia Militar tem um partido, um partido antipopular, do ataque aos pobres, à juventude negra; é o partido daquilo que podemos chamar de atraso. Isto ocorre levando-se em consideração o uso cada vez mais frequente, e que tragicamente continuaremos a ver, da violência política contra as massas populares que se rebelam.

A burguesia brasileira não tem um plano B. Ela vai atacar os direitos dos trabalhadores, que reagirão e serão duramente reprimidos pela PM. É o que tem acontecido e vai continuar acontecendo. A estratégia social de acumulação por espoliação depende fundamentalmente da violência da polícia e do Estado. Insisto: a PM ou a militarização frente ao movimento social no Brasil é um componente inerente, não é algo externo do próprio regime e modelo de desenvolvimento. Vai ser cada vez mais usado e não há a menor sombra de dúvidas de que a PM, quando promove a baderna, a confusão e a violência no final das manifestações, absolutamente pacíficas, pelo Fora Temer, está agindo conforme uma diretriz que, seguramente, recebe do governo do estado de São Paulo.

Dessa forma, precisa criar um fato político para justificar a repressão. Apoiada na mídia golpista, a estratégia é aquela que a burguesia brasileira tem à sua disposição hoje. É a única possibilidade. Tudo o que foge disso não é uma alternativa para a

burguesia brasileira. A democracia ou a democratização do país não é alternativa para a burguesia brasileira. A alternativa única e exclusiva é a violência contra a pressão popular.

Correio da Cidadania: Teria finalmente algo ainda falar sobre a debacle do governo petista, após anos de euforia e consagração internacional? O que será do lulismo daqui em diante?

Ruy Braga: Naturalmente, a crise do segundo governo Dilma, ou ao menos o ritmo que tomou, tem efetivamente um componente político: a disputa entre Dilma e Eduardo Cunha, que se resolveu neste ano. O ritmo político, de alguma forma, acelerou tanto a queda da Dilma quanto o próprio aprofundamento da crise econômica.

Tivemos no parlamento, a partir de 2015, a votação de uma série de pautas-bomba que vinham sendo acumuladas e praticamente inviabilizaram qualquer capacidade de manobra do governo federal em relação à questão econômica. Assim, temos um componente político que passa pelas características da cena política no parlamento e pela relação entre o legislativo e o executivo.

Entretanto, não vi como surpresa o colapso do lulismo. Colapso do lulismo como modo de regulação do conflito de classes no Brasil, apoiado pelas ideias de pacificação social, por um consentimento ativo dos setores mais organizados da classe trabalhadora e dos movimentos sociais, e um consentimento mais passivo, basicamente formado pela combinação de políticas sociais do Bolsa Família para o subproletariado e a formalização e valorização do salário mínimo para o precariado brasileiro. Tal combinação de consentimentos, ativo e passivo, tinha um colapso mais ou menos previsível, a partir do aprofundamento da crise econômica.

Não tem como manter concessões, ainda que sejam concessões mínimas e do ponto de vista do mercado de trabalho, dos gastos sociais do governo federal, numa conjuntura de crise econômica. Isso iria notoriamente colapsar conforme a crise econômica se aprofundasse. Houve uma desaceleração a partir de 2013. O governo do PT, em tal momento, ainda fez uma leitura vazia das Jornadas de Junho de 2013, quando as massas – em especial a

juventude da classe trabalhadora, precarizada, mulher, negra e pobre – saíram às ruas exigindo mais democracia, mais gastos públicos, mais investimentos em saúde, em educação, em transporte, em moradia. No mês seguinte, em julho de 2013, o governo Dilma cortou mais de 10 bilhões de reais do orçamento federal. Ou seja, fez uma leitura totalmente às avessas e cavou sua própria sepultura, porque a partir de então não foi mais capaz de retomar a iniciativa política.

O governo Dilma, assim, ficou cada vez mais refém de um parlamento conservador e reacionário e de um ente político (PMDB) que deu uma acelerada guinada para a direita, de modo a ficar cada vez mais dependente. A ponto de, ao ver aquelas massas de verde e amarelo invadirem as ruas, em grande medida convocadas pela mídia golpista, ficar totalmente sem medida no cenário político. Não podia contar com os setores populares, que havia traído com uma campanha à esquerda em 2014 e medidas à direita em 2015 – cortes de gastos aos direitos sociais e trabalhistas etc.; por outro lado, não podia propriamente contar com uma base parlamentar que estava dando uma guinada à direita muito improvisada e acelerada, levando-se em conta a própria reação à Operação Lava Jato.

O governo tornou-se insustentável, mas apenas expressa e representa o colapso daquele modo de regulação que o lulismo representou durante ao menos 12 anos. Ou seja, uma acomodação mais ou menos geral dos interesses das classes populares no interior de um modelo de desenvolvimento financeirizado, que privilegiava fundamentalmente setores do capital financeiro e algumas frações do capital interno, mas internacionalizado, como o agronegócio, a construção civil e assim por diante.

O fim do governo Dilma, da forma como vimos, representa um desdobramento razoavelmente natural do colapso do modo de representação lulista.

Correio da Cidadania: Dentro disso, como imagina a esquerda, de modo geral, nos próximos anos?

Ruy Braga: Dentro do lulismo, não imagino mais esquerda, não há esperança. Fora do lulismo, e pensando basicamente fora desse projeto de conciliação de classe e pacificação social,

acredito que há espaço para uma esquerda mais radical no país. Uma esquerda radical que terá pela frente uma enorme tarefa de reconstrução de um projeto socialista de país, que parte necessariamente de uma reconstrução das suas práticas políticas.

Não consigo imaginar hoje um projeto de esquerda no Brasil que tenha futuro se não for capaz de articular de maneira não sectária tantos segmentos de esquerda, que ainda existem em termos eleitorais, e de enraizamento na vida política brasileira. Notoriamente, o PSOL, ao lado de outros partidos de menor expressão, como o caso do PCB e do PSTU, em diálogo com os movimentos sociais. E estou pensando tanto nos movimentos sociais urbanos, com o MTST à frente, quanto nos setores do campo, MST e outros movimentos populares, que sejam capazes de superar a experiência de 13 anos do PT no governo.

Hoje, estamos diante da possibilidade de reinventarmos a esquerda no país a partir da fórmula que envolve partido e movimento. Que seja uma fórmula radicalmente democrática, capaz de colocar o controle das direções pelas bases e a reinventar práticas democráticas dentro das organizações socialistas como prioridade absoluta. Caso contrário, não vejo possibilidade de superar a crise que o PT nos legou.

Correio da Cidadania: Como a destituição da presidente Dilma deve se refletir nas eleições municipais?

Ruy Braga: Acho que o impacto principal é uma espécie de comprovação de que o PT não é capaz de tirar o país da crise. Consequentemente, candidaturas conservadoras ou de direita devem ser beneficiadas pela queda da Dilma. Temos, por outro lado, um PT buscando explorar politicamente a história do golpe, mas acho pouco provável que consiga – ao menos nos centros urbanos mais importantes como São Paulo e Rio de Janeiro; talvez haja alguma esperança para o PT no Nordeste, ainda que com dificuldades.

O cenário político eleitoral deste ano não deve destoar muito daquilo que temos percebido em pesquisas de opinião. Provavelmente, prevalecerão candidaturas de centro ou centro-direita, com algumas eventuais surpresas positivas, como o caso da Luciana Genro em Porto Alegre, que possui chances efetivas

de ganhar a prefeitura – e não vai ser fácil, pela existência do segundo turno. Parece que o cenário geral é bastante desalentador para a esquerda brasileira. Novamente, tal cenário se deve à derrota imposta a toda a esquerda brasileira, não apenas aos setores petistas.

Gabriel Brito é jornalista do Correio da Cidadania.

Acabou a lua de mel da conciliação de classes; Brasil volta à disputa aberta

http://www.correiodacidade.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=11964:2016-09-01-19-30-29&catid=72:imagens-rolantes

Gabriel Brito, da Redação

Qui, 01 de Setembro de 2016

[Recomendar](#)

Após longa agonia, chegou ao fim o governo de Dilma Rousseff, cassado definitivamente após votação do processo de impeachment pelo Senado brasileiro, em folgada contagem de 61 votos a 20 pela destituição. Depois de anos de euforia e muita propaganda a respeito de um país que tinha dado certo sem tocar nas velhas estruturas da desigualdade, a interrupção dos 14 anos de governos

petistas é traumática.

Objetivamente, um governo natimorto. Dilma não governou sequer por um mês, pode-se dizer. Sua segunda candidatura presidencial apostou no acirramento da quarta disputa consecutiva contra o tucanato, representado na figura de Aécio Neves, de modo a afastar a alternativa Marina Silva, o que privou o país de testemunhar pela primeira vez na história um segundo turno eleitoral entre duas mulheres oriundas das lutas sociais.

Já desgastado pelo início das investigações da Operação Lava Jato, além de fustigado por um antipetismo que atraiu todas as formas de ódio reacionário ao longo dos anos, o PT viu a busca da polarização política manter-se de guarda alta após as eleições. Quando Dilma anunciou que aplicaria o programa da austeridade, contra o qual deitara lábia nos debates, foi dada a senha.

Não haveria guinada alguma à esquerda, como se preconizava em um exaustivo processo de campanha eleitoral, em sua reta final capaz de despertar uma militância que há anos não ocupava as ruas para fazer política. Após tanto empenho em eleger Dilma, o anúncio de que a política econômica teria o “selo Bradesco” foi um golpe desmoralizante.

E se fosse para aplicar um ajuste fiscal de corte conservador, aumentando tarifas e preços em geral e congelando os instrumentos que marcaram o ciclo positivo do lulismo, como o crédito e a valorização do salário mínimo acima da inflação, talvez não fosse mais necessária a mediação do partido que já não contava com apoio entusiasmado das massas.

Ilusão desproporcional

Não poderia acontecer a sonhada mudança de orientação no segundo mandato de Dilma. A racionalidade política introjetada pelo partido mostrava-se incontornavelmente insensível a uma série de demandas de suas tradicionais bases, que dirá então de uma geração que passou a viver a política e a vida adulta quando o outrora partido-movimento já governava na base da conciliação dos polos sociais.

Enquanto uma parte do ex-governismo insiste em associar as jornadas de junho com a saída às ruas da direita a partir de 2015, vale lembrar a postura do governo quando da explosão de 2013, com toda a sua diversidade e descontrole.

Além de vermos o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, em postura alinhada ao governador Alckmin, inclusive a reboque do tucano em alguns momentos, o então ministro da justiça José Eduardo Cardozo não apenas deu anuência à ostensiva repressão militar, que ajudara na conquista da opinião pública em favor dos manifestos, como sugeriu a entrada em cena da Força Nacional de Segurança.

Depois que milhões de brasileiros ocuparam as ruas das principais capitais e mais centenas de cidades, numa insurreição que cercou diversas câmaras e palácios de governo e passava a mensagem da deslegitimação geral da classe política, Dilma finalmente veio a público. E os chamados “[cinco pactos](#)” anunciados pela mandatária nada mais eram do que a reafirmação dos acordos anteriormente selados.

Vale lembrar: responsabilidade fiscal, um plebiscito a consultar a população sobre a reforma política, combate à corrupção, investimentos em saúde e um possível pacote de 50 bilhões de reais para obras de mobilidade urbana. “[Foi lamentável ver que a presidenta apresentou propostas que não têm nada a ver](#)”,

comentou o Movimento pelo Passe Livre (MPL), após ser recebido em Brasília pela presidente.

Em resumo: uma resposta consideravelmente conservadora, se não alienada, aos anseios de ruas marcadas por um forte sentimento de rejeição às regras de um jogo distanciado da população. Além disso, clamava-se por mais eficiência estatal nos serviços públicos, plataforma já tradicional dos brasileiros que dependem do emprego e do salário para fechar cada mês.

Se havia alguma brecha para um pouco de ousadia e “avanço à esquerda” nas propostas petistas, a última chance foi aquela. Mas o que se viu foi a reafirmação de acordos dos quais a massa se cansara, seguida de um processo de militarização da política e da dita segurança pública, sob a muleta das quebradeiras dos chamados black blocs – que de inéditas não tinham nada na história, a não ser pela denominação que virou palavrão nos corredores políticos.

Mais preocupado com a propaganda de sucesso a ser referendada pelos megaeventos esportivos, o petismo ficou ao lado dos setores que propunham aumentar a blindagem de uma estrutura posta a nu pela revolta popular mais espontânea desde a que tomou as ruas após o suicídio de Getúlio Vargas.

Dessa maneira, em vez de aprofundamento da democracia, vimos sua militarização. Primeiro a lei “anti-mascarados” (veto ao anonimato em manifestações), aprovada pelo governo do estado do Rio de Janeiro, amparada na morte do cinegrafista Santiago Andrade, da Bandeirantes, até hoje não esclarecida pela polícia, mas imediatamente atribuída aos “vândalos”.

A seguir, o Decreto de Garantia da Lei e da Ordem, que legalizava a atuação das forças armadas em período preparativo, e um pouco

mais, da Copa do Mundo, a garantir os interesses corporativos da FIFA e intimidar os manifestos que marcaram a Copa das Confederações. A ordem era evitar algo parecido com as jornadas que colocaram 10 milhões de brasileiros nas ruas entre os dias 17 e 30 de junho de 2013. Todo o pacote recebeu amplo apoio da base governista, diga-se.

Quando já caía de podre, o governo Dilma ainda ofereceu uma tremenda arma ao governo agora entronizado: sancionou a Lei Antiterrorismo, cuja aprovação se deu no bojo do aumento do número de atentados pelo mundo e da ascensão do chamado Estado Islâmico. No entanto, nada que não pudesse ser combatido de acordo com legislações penais já existentes e acordos internacionais assinados pelo país, [como lembrou a advogada Camila Marques](#), da ONG artigo 19, em entrevista a este Correio.

Sem histórico algum como alvo do terrorismo internacional, às vésperas das Olimpíadas vimos uma operação de captura de obscuros cidadãos brasileiros suspeitos de se associar ao grupo extremista. Até agora, nada de concreto foi apresentado pelas autoridades. No entanto, militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra já foram enquadrados nessa autêntica reedição da Lei de Segurança Nacional, agora passível de ser aplicada por um ministro da Justiça que, em São Paulo, é lembrado por liberar a violação de direitos e protocolos pela PM. Seu nome está associado à recente escalada armamentista e homicida do braço armado do Estado.

A guinada é neoliberal

Enquanto aplicava o ajuste, os setores governistas mostravam toda a perda de sua aura. Quando Joaquim Levy anunciava seu pacote de cortes nas áreas sociais e trabalhistas, as centrais sindicais respondiam com um apático ato na avenida Paulista, em fevereiro de 2015.

A resistência impetuosa e propositiva passava às mãos do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), liderado por Guilherme Boulos. Incapaz de comover suas bases insatisfeitas que faziam diversas greves país afora, a CUT apelou para a entrada em atos convocados pelo movimento de moradia para colocar seus Scania na rua, não raro roubando a pauta. A conduta se repetiria em ocasiões como o 8 de março deste ano, quando o forte repúdio das mulheres à agenda simbolizada pelo ex-aliado Eduardo Cunha foi ofuscado pelo “Fica Dilma” imposto, até com agressões, por governistas.

Era muito pouco. Galvanizadas pela sanha da mídia comercial, as manifestações de corte conservador levaram muito mais gente às ruas. Dias em que a marca da “rebeldia” era a camisa da seleção da CBF fabricada pela Nike, com inúmeros registros de rancor social e ideológico dos piores tempos.

Ao lado disso, a Lava Jato já destruía qualquer resquício de governabilidade e, após a marcante condução coercitiva de Lula à Polícia Federal e sua obscura passagem pelo aeroporto de Congonhas, o governo se dirigia aos últimos momentos. A frustrada nomeação do ex-presidente para a Casa Civil, em 17 de março, logo barrada pelo notório ativismo de Gilmar Mendes no STF, e o baixo respaldo popular na Esplanada (cerca de 5 mil apoiadores de Lula de um lado e algo em torno do mesmo número dos chamados “coxinhas” do outro) mostravam que o romance com as massas estava definitivamente encerrado.

Ademais, se por um lado o recorte das manifestações conservadoras midiaticizadas era de uma classe média branca, com nível de renda superior à média geral e na faixa dos 40-45 anos, o mesmo se viu nas manifestações de desagravo a Lula nos dias seguintes à sua quase prisão. E convém registrar que o clima era muito mais de solidariedade e nostalgia de velhos tempos do que de combatividade. Em outras palavras, nada do “sangue no olho” de

quem exige mudanças imediatas.

Cada um a seu modo, lulistas e conservadores fechavam as portas para a juventude e suas pautas diretamente ligadas à vida cotidiana.

“Necessariamente, o capitalismo terá de inventar alguma coisa nova. A médio e longo prazo, a aplicação de políticas neoliberais pode gerar processos muito mais recessivos. É muito difícil visualizar as alternativas possíveis. Em toda parte, o domínio do capital financeiro segue inabalável. O bloco do poder não se alterou no mundo. Por outro lado, há a continuidade de políticas neoliberais, sob forte incapacidade de retomada do crescimento. Desse modo, podemos especular saídas ainda mais conservadoras”, analisou o cientista político José Correia Leite, [em entrevista recente ao Correio](#).

Muito a temer

A constatação é de que o lulismo domesticou suas bases além do recomendável. O partido e seus seguidores não saíram da casinha da defesa do “estado democrático de direito”, algo questionado por setores militantes e fictício nas periferias onde vive o chamado “subproletariado”, que nos anos de bonança garantiu o apoio consagrador ao projeto bancado pelo governo Lula.

“Ou nós avançamos na democratização do sistema de representação e da sociedade brasileira, ou recuaremos de forma muito acelerada para uma ditadura mais ou menos velada. Isso já tem acontecido no mundo. Regimes políticos ditatoriais têm aparência democrática porque coabitam com eleições ou coisa do tipo. A Turquia de Erdogan é um exemplo. Aparentemente democrática, mas de fato uma ditadura que impõe uma ordem muito pesada sobre os trabalhadores. É esse o futuro que nos espera”,

[alertou à época o sociólogo Ruy Braga.](#)

Porém, após “uma espécie de Marcha da Desfaçatez, onde os deputados foram se sucedendo na tribuna e, para cada voto a favor do impeachment, via-se a maquinação de um sistema degenerado que buscou a todo instante salvar a própria pele do abismo”, como disse Braga, o partido pedia calma às suas fileiras, que se respeitassem os ritos e formalidades e se revertesse o jogo dentro das normas preestabelecidas pelas instituições e STF.

Desarmada a resistência de setores historicamente organizados, o impeachment veio e um governo que não tem projeto de reeleição toma posse para fazer aquilo que o petismo hesitava a partir da demissão de Joaquim Levy.

“O PMDB assume centralidade diante da impotência do PT em ser de fato um partido de esquerda e do PSDB de ser algo além de expressão regional de uma certa burguesia, enclausurada em São Paulo, Minas Gerais e um pedaço do Paraná, enquanto as burguesias brasileiras são mais amplas. Estamos nos dirigindo para um governo capitaneado por um grupo chantagista que vai implementar o programa da grande rapinagem ”, [analisou a historiadora Virginia Fontes.](#)

Tempos de rebeldia?

Relembrando as noites de junho, a semana registrou protestos em três dias consecutivos na avenida Paulista enquanto se encaminhava o processo de impeachment no Senado.

Isso enquanto estreava o filme Aquarius, cujo elenco fez um célebre protesto em Cannes contra o “golpe de Estado”, o que lhe rendeu a

represália do já citado Ministério da Justiça, que classificou o filme para 18 anos. Agora, e com o Ministério da Cultura marcado pela submissão às ideias de Temer, os cineastas Gabriel Mascaro e Anna Muylaert anunciam a retirada de suas obras da disputa para a seleção de filmes estrangeiros do Oscar.

Como também se viu nas ruas de São Paulo em dezenas de shows da Virada Cultural, em maio, o repúdio ao governo Temer e seus representantes deverá se espalhar pela parte da sociedade que não partilha de valores dos que votaram pelo impeachment “por deus”, “pela família”, “pelos netos”, “pela moralidade”, “pelos militares de 64”.

Enquanto a esquerda tradicional bate cabeça e procura novos discursos, setores diversos da classe média progressista, das mulheres, dos LGBT, dos estudantes, da juventude periférica, das artes e cultura, reforçados por alguns movimentos autônomos, devem despontar como baluartes da contestação ao novo governo.

Leia também:

[Golpe é a preservação de um sistema político podre contra todos nós](#)

[Crônica de um país alheio: o apassivamento cobrou seu preço](#)

[Julgamento do impeachment de Dilma é teatro de sombras](#)

[Sobre o golpe](#)

Que nunca mais tiremos as mãos de nossas armas

A comédia de erros chega ao fim... Até que enfim!

Instantes finais

A política dos pixels - discurso fotográfico e manipulação histórica

Encruzilhada da indignação

Sobre as leis de bronze da lumpemburguesia

Eugênio Bucci: “precisamos de um marco regulatório democrático na comunicação”

Duas semanas de folga para uma sociedade exaurida e ressentida

Só agora, Gilmar?

“No quadro atual, o PT representa um peso para as correntes de esquerda combativa”

‘Esse governo é ilegítimo e quer erguer-se com base na demolição dos direitos do trabalho’

“Um governo com 80% de aprovação não fazer nada por uma sociedade mais coesa realmente cometeu graves equívocos”

‘Com Temer, estamos assistindo ao impeachment do processo civilizatório’

“Na crise, princípios éticos precisam orientar a construção de soluções técnicas”

‘Governo Temer não tem legitimidade política e capacidade operacional pra articular saídas à crise’

Gabriel Brito é jornalista do Correio da Cidadania.

[Tweet](#)

[Recomendar](#)

Última atualização em Segunda, 26 de Setembro de 2016

A publicação deste texto é livre, desde que citada a fonte e o endereço eletrônico da página do Correio da Cidadania

ELEIÇÕES 2016

Renato Janine Ribeiro – FBOOK – 03 OUTUBRO

Bem, vai lá uma pergunta bem difícil. Durante doze anos, os dois mandatos de Lula e Dilma 1, o PT fez uma série de políticas que beneficiaram - muito - os mais pobres. Mas bastou a grana faltar e os mais pobres se mandaram. Votaram em massa no Doria. Claro que podemos dizer que a mídia perversa, o preconceito etc etc.

O problema de dizer isso é que é muito condescendente, quase paternalismo: é dizer que os pobres são manipulados fácil fácil, que precisam ser orientados. (Tipo o Lula subir num caminhão e dar a volta na periferia avisando que Marta saiu do PT. Ora, os pobres não sabem disso? Precisa alguém dizer para eles?) A outra interpretação é: eles realmente não estão ligando. Parou a grana, eles mudaram de lado. Esta interpretação tem uma vantagem: trata-os como adultos. Respeita o voto deles como uma decisão consciente. E pára de ter pena deles.

Para mim, é difícil escolher uma destas interpretações. Sei das deficiências enormes de formação - e educação - inclusive cultura política - de nosso povo. Mas não gosto de ter pena de gente maior, vacinada etc. Penso que têm que ter responsabilidade por suas escolhas.

Uma lembrança de meu pai. Em 1985 os funcionários mais pobres da firma em que ele era funcionário graduado o zoaram: - Nós elegemos o Jânio, que era o candidato dos pobres, em vez dos candidatos dos ricos! Meu pai não gostou, não respondeu. Nem fez nada contra eles, ele jamais faria isso. Dois meses depois, Jânio começou o pacote de maldades contra os pobres.

Um deles veio ver meu pai, pedir que escrevesse uma carta aos

jornais protestando contra uma medida de Jânio. (Naquela época, carta a jornais significava alguma coisa). Meu pai devolveu:
- Vocês não votaram nele? Não disseram que era o candidato dos pobres?
(E o curioso é que em 1989 rolou, de novo, essa de candidato dos pobres, que no caso seria Collor...)

ELIÇÕES 2016

Marco Aurélio Nogueira

.

Com as eleições de ontem, 2/10/16, fechou-se um capítulo da história política brasileira.

Nele se entrelaçaram a redemocratização, a projeção da socialdemocracia e da esquerda, a reconfiguração da sociedade civil, a entrada da sociedade na turbulência da modernidade reflexiva e do capitalismo 2.0, a forte judicialização da política, a ascensão, a glória, o declínio e o sofrimento de um grande partido de massas, atingido no peito pelos danos colaterais de sua própria prática política, que levaram ao impeachment de um de seus presidentes, à prisão de vários de seus líderes, à rejeição social e, por fim, a uma avassaladora derrota eleitoral.

O principal problema é que o capítulo que se seguirá, a partir de agora, não se anuncia como de qualidade superior, não parece destinado a nos reservar grandes emoções e nem a ser protagonizado por figuras épicas ou empolgantes. O que vemos pela frente é um ambiente mais morno e errático, uma sociedade desorientada e excitada, uma trama em busca desesperada de personagens que façam a diferença, como num bom romance realista.

São 92 os municípios estratégicos para se avaliar o impacto das eleições: estão aí as 26 capitais e as cidades com mais de 200 mil eleitores. Elas concentram cerca de 40 milhões de eleitores. Nessas cidades, o PT foi praticamente expulso. Vendo o país no seu todo, o partido perdeu cerca de 400 das 630 cidades que conquistara nas eleições de 2012. Incluída aí a joia da coroa, São Paulo, é uma derrota dolorosa, que precisará de tempo para ser cauterizada e superada, sobretudo porque exigirá do partido derrotado muita energia e muita disposição para se renovar, o que, em política, é sempre algo muito difícil e espinhoso.

Temos muito o que pensar e analisar.

E AGORA?

Blog do Moisés Mendes 02 outubro

E tem gente que achava, até domingo, que o pior dos mundos seria a queda do Internacional para a Segundona. E eis que Marchezan Júnior e Sebastião Melo estão na final da primeira divisão em Porto Alegre. O que fazer? Estes são alguns dos dilemas das esquerdas:

1 – Com abstenção, voto nulo e mais voto em branco, o eleitor de esquerda pode repetir o boicote em massa às eleições parlamentares logo depois do golpe de 64. É um gesto político forte. O novo prefeito seria eleito apenas pelo pessoal do Parcão e passaria a ser visto como ilegítimo inclusive na Ucrânia.

Mas há quem ache que essa não é a saída. Porque o protesto talvez não levasse a nada e o eleito ainda poderia se consagrar depois, mesmo sem voto (o homem do Jaburu está tentando isso).

2 – Considerando-se a mesma tática do voto inválido, poderia ser criado o pior dos mundos. A tática favoreceria a direita mais ideológica, que vai abandonar Melo e concentrar ainda mais os votos no Marchezan, como já fez no primeiro turno.

E Marchezan na prefeitura fortaleceria o PSDB para a eleição ao governo do Estado. Os tucanos poderiam finalmente ressuscitar, depois do governo Yeda. E teriam um importante palanque estadual como vitrine para o país.

3 – Outra saída. Votar em Sebastião Melo e torcer para que dê certo, porque o candidato do PMDB entra na corrida em desvantagem.

O risco é o de votar em Melo e não adiantar nada. Não haveria o protesto do voto inválido e ainda seria legitimada a eleição do representante da extrema direita. 4 – Que seja o que Deus quiser e o diabo desejar. E vamos nos preparar para a próxima Copa do Mundo no Brasil, pensando sempre no jogo com a Alemanha.

O QUE ELE OUSA DIZER E NÃO DIZ NADA

Blog do Moisés Mendes – POA RS - Facebook

Uma fala do homem do Jaburu no Paraguai a respeito das eleições: "Devo registrar uma preocupação. Acabei de verificar um número imenso de abstenções, votos em branco e nulos, o que revela o que ousou dizer a indispensável necessidade de uma reforma política do país". Outra frase: "Algo que penso que o Congresso Nacional deve cuidar com muita propriedade". Devo registrar. Acabei de verificar. O que revela. O que ousou dizer. Algo que penso. O homem do Jaburu é um personagem do século 19, é quase machadiano. Deveria usar casaca. E dizer que até bem pouco todo mundo estava preocupado com ele. Temer foi apenas o usurpador. Percebo de inopino que não é pouco. Mas registro é transitório. Ouso dizer que ele é candidato a não mandar mais nada e que, depois da eleição, com as vitórias tucanas, o golpe dentro do golpe pode ter sido apressado. Os tucanos estão voando alto. A direita mesmo, ideológica, consistente, convicta, juramentada, é o PSDB. O PMDB é apenas o laranja do PSDB.

O cientista político Bolívar Lamounier fala ao Estado da Arte sobre o resultado das eleições municipais de 2016

Bolívar Lamounier: "O que no Brasil se costuma chamar de liberalismo é apenas bom senso"

O Partido dos Trabalhadores viu seu eleitorado ser reduzido dramaticamente. Que lições o senhor acredita que o partido será capaz de tirar desse resultado? Que lições "será capaz" de tirar, não sei. Nisso o PT nunca foi muito bom. As lições que "deveria" tirar são muitas, vou mencionar só três. Primeiro, se renovar drasticamente. Ele sempre foi e continua a ser um partido caudilhesco, quero dizer, obediente a um chefe: Lula. Lula nunca abriu espaço para a ascensão de outro nome, temendo que se tornasse um rival. Admitiu apenas "postes" como Dilma Rousseff e Haddad. O resultado é a simbiose que conhecemos: o PT não existe sem Lula, Lula não existe sem o PT. Segundo, deixar de lado sua ideologia dinossáurica, se é que a mescla do culto populista a Lula com o paternalismo como princípio de política social e o antiliberalismo econômico merece ser chamada de ideologia. Terceiro, esclarecer de uma vez por todas se aceita a democracia representativa ou se vai prosseguir tergiversando quanto a este ponto, com um pé dentro e outro fora do sistema, ora se apresentando como quase revolucionário, ora como o mais manso dos cordeiros.

bolivar_istoe_2016

O cientista político Bolívar Lamounier: "PT sempre foi e continua a ser partido caudilhesco"

A campanha de João Doria (PSDB) em São Paulo esteve muito associada a posições liberais: empreendedorismo, desburocratização, privatizações, organizações sociais, etc. No entanto, setores não desprezíveis do PSDB paulista rechaçaram a

candidatura de Doria e sua plataforma. Para onde vai o PSDB paulista?

O que no Brasil se costuma chamar de “liberalismo” é apenas bom senso. Quem discorda de tais posições deve necessariamente abraçar uma visão estatizante como a da Dilma Rousseff, cujos resultados estão aí à mostra. Sem uma participação muito maior do setor privado na economia, o país jamais absorverá sua massa de desempregados e semi-empregados e jamais criará uma verdadeira classe média. Não preciso lembrar que a “nova classe média” inventada por Lula e Dilma foi apenas uma brincadeira de mau gosto.

O atual prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), foi derrotado em todas as zonas eleitorais da cidade e fez uma votação pouco expressiva (pouco mais de 16 por cento). Há chances de que se torne uma voz ativa e influente nacionalmente, como querem setores que insistem na renovação dos quadros petistas? Não vejo como, mas política é política. Já vi muita coisa estranha acontecer.

Sem uma participação muito maior do setor privado na economia, o país jamais absorverá sua massa de desempregados e semi-empregados e jamais criará uma verdadeira classe média. Haddad errou ao não se dissociar de Lula e da cúpula petista envolvida diretamente nos escândalos de corrupção investigados pela Lava Jato?

Não tinha como se dissociar de Lula e do PT. Se faturou a proximidade enquanto ela era rentável, tinha que conservá-la em alguma medida. Engana-se quem diz que o eleitor brasileiro tem memória curta. Só meia dúzia de gatos pingados esqueceu o desastre econômico que o PT provocou e a ampla maioria que detém na fila de investigados pela Justiça. Lideranças políticas derrotadas, especialmente à esquerda no espectro ideológico, estão insistindo em uma tecla: os altos índices de abstenção e de votos nulos e brancos. Esses índices são

significativos para avaliar a legitimidade de a representatividade dos candidatos eleitos ou que passaram para o segundo turno? Como toda reviravolta eleitoral, a de ontem teve duas faces. De um lado, muita gente desencantada, sem ânimo até para votar contra o status quo. Do outro, a ampla maioria que usou o voto como arma. Basta observar que centenas de milhares de eleitores – talvez metade deles – esperaram até a última hora para saber quem teria melhores condições de derrotar Lula e o PT. Foi na véspera – nos últimos três dias da campanha- que adotaram Dória, daí sua fulminante ascensão.

O PSOL, que foi ao segundo turno no Rio de Janeiro com Marcelo Freixo, apresenta alguma novidade no ideário e nas práticas políticas da esquerda latino-americana? A única novidade que micropartidos de esquerda podem representar é serem ainda mais arcaicos que os de alguns anos atrás. Não percebem que política se faz somando, não subtraindo. E que para somar é preciso ter um pensamento atual e denso, não meros respingos do século 19.

Por que a Rede, de Marina Silva, que se apresentava como uma força nova na política, teve um desempenho tão fraco? Porque não é uma força nova na política. Marina é outro exemplo do que disse na resposta anterior: acha que política se faz subtraindo, se apresentando como ungida por alguma divindade, capaz de conhecer o país e de mudá-lo, ao contrário do que todos os outros. Todo mundo sabe que futebol é futebol-association, mas esse tipo de político ideologizado não entende que a política também o é.

Opinião do dia – Fernando Henrique Cardoso



“Ela deve ajudar a desenhar um novo campo político, que seja de centro-esquerda, mas plural e sem pretensões hegemônicas deste ou daquele partido. Não será um campo orientado por critérios de classe, mas voltado para os interesses das majorias não ricas do País, contra os privilégios, e aberto às novas formas de participação e representação da sociedade.”

Fernando Henrique Cardoso é sociólogo, foi presidente da República. ‘É tempo de ousar’, O Globo, 2/10/2016

Brésil : débâcle du Parti des travailleurs au premier tour des élections municipales

Le parti de l'ancien président Lula a perdu Sao Paulo et près de 400 mairies.

LE MONDE | 03.10.2016 à 05h09 • Mis à jour le 03.10.2016 à 11h00 | Par Claire Gatinois (Sao Paulo, correspondante) et Paulo A. Paranagua

L'ancien président brésilien Luiz Inacio Lula da Silva et sa femme, dans un bureau de vote de Sao Bernardo do Campo, le 2 octobre. NELSON ALMEIDA / AFP

Sa victoire lui aurait offert une stature de présidentiable. Sa défaite devrait le plonger dans l'abîme de la politique brésilienne, confirmant la débâcle de son parti. Fernando Haddad, maire sortant de Sao Paulo, membre du Parti des travailleurs (PT, gauche), considéré comme un héritier prometteur de l'ancien président Luiz Inacio Lula da Silva (2003-2010), a été éliminé dès le premier tour des élections municipales, dimanche 2 octobre, offrant une victoire écrasante à son adversaire, Joao Doria, du Parti de la social-démocratie brésilienne (PSDB, centre gauche). Du jamais-vu dans la capitale économique du Brésil.

Raflant plus de 53 % des voix, contre 16 % pour Fernando Haddad, Joao Doria s'est présenté comme le « Michael Bloomberg brésilien ». Prétendant suivre les traces de l'ancien maire de New York, le publicitaire et présentateur télé millionnaire, fils d'un ancien député exilé sous la dictature militaire (1964-1985), avait fait campagne en assumant un programme libéral à même de séduire les classes moyennes, se présentant comme un entrepreneur à succès et non comme un politicien, pour appâter les écœurés de la politique.

256 mairies contre 630 en 2012

M. Haddad a perdu aussi bien dans les beaux quartiers que dans les faubourgs populaires. Deux anciennes maires PT de Sao Paulo qui avaient changé d'étiquette, Marta Suplicy et Luiza Erundina, se sont effondrées dans les urnes. Dans les municipalités de l'ancienne banlieue rouge, berceau du PT, le parti de Lula recule également. A Sao Bernardo do Campo, son lieu de résidence, l'ancien dirigeant métallo a été conspué au bureau de vote, et le PT a été écarté du second tour.

Sao Paulo ne fait que refléter le naufrage du PT au niveau national. Ses candidats ne l'emportent que dans 256 municipalités, dont une seule capitale d'Etat, Rio Branco, dans l'Acre (Amazonie), contre 630 mairies en 2012. Le décompte des conseillers municipaux élus confirme un effondrement de l'audience du PT de l'ordre de 50 %. La bérézina s'étend à des fiefs traditionnels du Nordeste, comme Bahia, où l'héritier d'une dynastie traditionnelle, Antonio Carlos Magalhaes Neto (droite), emporte la mairie de Salvador dès le premier tour, avec 74 % des voix.

image: http://s1.lemde.fr/image/2016/10/03/534x0/5007022_6_9622_joao-doria-du-parti-de-la-social-democratie_9a162eb4aca581ecba353b13d7fa2a71.jpg

Joao Doria, du Parti de la social-démocratie brésilienne (PSDB), a été élu maire de Sao Paulo, dimanche 2 octobre. NELSON ANTOINE / AP

Toutefois, ce n'est pas la droite, divisée en multiples petits partis, qui profite de l'effondrement du PT, à la tête d'une coalition de centre gauche pendant treize ans. Ce sont les grandes formations centristes qui sortent confortées par le scrutin et mieux positionnées pour emporter le second tour, réservé aux grandes villes.

Le Parti du mouvement démocratique brésilien (PMDB, centre) reste le plus important de par le nombre d'élus, même si le PSDB progresse davantage. Le triomphe à Sao Paulo est une avancée pour le gouverneur PSDB de l'Etat, Geraldo Alckmin, désormais bien placé dans la course à la présidence en 2018.

Recentrage

Plutôt qu'un virage à droite, on assiste à un recentrage, sur fond de méfiance accrue à l'égard de tous les partis politiques. Le discrédit du PT s'étend à d'autres formations de gauche, comme le Parti socialiste brésilien (PSB) et le Parti populaire socialiste (PPS), qui reculent aussi. La Rede, le réseau formé il y a un an à peine par l'ancienne candidate écologiste Marina Silva, n'est pas parvenu à décoller à l'occasion de ces municipales. Seul le Parti socialisme et liberté (PSOL), la gauche de la gauche, scission du PT remontant à 2004, tire son épingle du jeu à Rio de Janeiro, où Marcelo Freixo, soutenu par la jeunesse et l'intelligentsia, disputera le second tour contre l'évêque évangélique Marcelo Crivella (droite), le favori des sondages.

« *Le PT n'a plus l'autorité politique pour être hégémonique à gauche, mais il n'y a pas encore une alternative* », assure Guilherme Boulos, dirigeant national du mouvement des travailleurs sans toit. « *En étant au pouvoir, le PT s'est renforcé politiquement, mais a perdu contact avec la société* », a reconnu M. Haddad, lors d'un entretien avec la presse étrangère, le 26 septembre. « *La chute du PT se poursuivra jusqu'en 2018* [année de la présidentielle], voire plus », prédit Lincoln Secco, professeur d'histoire à l'université

de Sao Paulo et auteur de *L'Histoire du Parti des travailleurs au Brésil* (éditions du Sextant, 2011). Pis, la déroute du PT plongera toute la gauche dans le désarroi, pense-t-il : « *Le PSOL tente de se présenter comme le PT des débuts, mais l'histoire ne se réécrit pas. Le discours du PSOL séduit une classe intellectuelle aisée, sans s'enraciner dans les milieux ouvriers, comme l'avait fait le PT.* »

• Paulo
Journaliste au Monde

A.

Paranagua

En savoir plus

sur http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2016/10/03/bresil-le-parti-des-travailleurs-defait-au-premier-tour-des-elections-municipales_5007023_3222.html#7ODAw1xpISO2RXzw.99
